



Universidade Federal
de Campina Grande



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ELZA MARIA GONÇALVES BRAGA

**PRÁTICA DOCENTE E DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS**

**CAJAZEIRAS-PB
2014**

ELZA MARIA GONÇALVES BRAGA

**PRÁTICA DOCENTE E DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS PÚBLICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Graduanda em Pedagogia, sob a Orientação do Professor Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes.

**CAJAZEIRAS-PB
2014**

ELZA MARIA GONÇALVES BRAGA

Monografia aprovada em: ____/____/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wiama de Jesus Freitas Lopes (UFCG)
(Orientador)

Prof. Dra. Geranilde Costa e Silva (UFCG)
(Examinador Externo)

Prof. Dra. Risomar Alves dos Santos (UFCG)
(Examinador Interno)

Prof. Ms. Edinaura Almeida de Araújo (UFCG)
(Examinador Interno - Suplente)

**CAJAZEIRAS- PB
2014**

DEDICO

Para meus pais **José Gonçalves Braga Neto**, **Josefa Gonçalves Braga**, avó e madrinha **Espedita Gonçalves da Silva**, pessoas que pude contar incondicionalmente, pela dedicação, carinho e presença constante em minha vida. Dedico ainda ao meu irmão **Evandro Gonçalves Braga**, pelo incentivo. As minhas amigas irmãs **Ângela Fernanda**, **Josefa Luís** e **Luíza Nayara**, pelo apoio incondicional nas horas mais difíceis. E a todos que torceram direta ou indiretamente pelo alcance desta vitória em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força que vem me concedendo a cada dia de minha caminhada.

Agradeço a minha tão querida avó e madrinha **Espedita Gonçalves da Silva** por muito, mas principalmente por ser a impulsionadora do meu projeto de vida.

Agradeço a minha amada mãe **Josefa Gonçalves Braga** por me defender com unhas e dentes de todo e qualquer problema que veio a dificultar a realização deste sonho.

Agradeço a meu pai **José Gonçalves Braga Neto** que me fez a cada dia querer cada vez mais seguir este propósito.

Agradeço as minhas amigas irmãs **Ângela Fernanda, Josefa Luís e Luíza Nayara**, que me ajudaram nas horas mais difíceis, quando por muitas vezes pensei em desistir, mas elas sempre estiveram perto me apoiando e não me deixaram fraquejar em nenhum momento.

Agradeço a todos os professores da Unidade Acadêmica de Educação do CFP-UFCG, por contribuírem diretamente para minha formação profissional e por que não também, pessoal, considerando que alguns foram exemplos de vida a seguir.

Agradeço a todos as minhas colegas de sala de aula pela colaboração para com o enriquecimento de meus conhecimentos, principalmente aquelas mais próximas que se tornaram também minhas amigas e confidentes.

Agradeço ao meu orientador pela disposição em me orientar, pela paciência e pelas aprendizagens adquiridas.

As práticas educativas que se pretendem iguais para todos, muitas vezes, acabam sendo discriminatórias, pois, dependendo da teoria, da prática apresentada, em prol do discurso da equidade, pode-se incorrer no erro da homogeneização, em desrespeito às diferenças.

Eugenia Portela de Siqueira Marques, s/d.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de Professores que trabalham com a diversidade cultural.....	35
--	----

RESUMO

O presente trabalho tem como título “Prática Docente e Diversidade Cultural nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Escolas Públicas”, tendo como objetivo analisar como os professores estão trabalhando a diversidade cultural nas escolas públicas, e os específicos identificar qual a concepção dos professores dos Anos Iniciais das escolas públicas acerca de diversidade cultural, levantar os procedimentos que os professores utilizam em sala de aula para trabalhar a diversidade cultural e refletir acerca das possibilidades da ação educativa com questões de diversidade cultural. A questão de pesquisa como os professores estão trabalhando com a diversidade cultural existente em sala de aula. Assim, a pesquisa que foi realizada é do tipo descritiva e de caráter qualitativa em duas escolas públicas municipais da cidade de Cajazeiras-PB, localizadas em comunidades carentes da referida cidade, com sete professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo três da escola A e quatro da escola B, nos turnos manhã e tarde. No percurso metodológico foi utilizado uma entrevista semiestruturada para a coleta dos dados, como também foi feita uma análise documental dos PPPs (Projeto Político Pedagógico) das escolas pesquisadas. As temáticas tratadas na fundamentação teórica são: diversidade cultural nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a prática docente dos professores diante do assunto, o daltonismo cultural, a diferença na escola e as contribuições da Lei 10.639/2003 para o ensino público. Ao final do trabalho, concluiu-se que os professores e a escola, tem dificuldades em compreender que trabalhar com a diversidade cultural em sala de aula é ir além de um trabalho folclorizado, sendo necessário ainda muitas mudanças para que possa atender o que está garantido nas leis e que o trabalho dos professores com a diversidade cultural em sala de aula, ainda é insuficiente.

Palavras-chave: Diversidade cultural. Anos Iniciais. Práticas Docentes.

ABSTRACT

This work is titled "Teaching Practice and Cultural Diversity in the Early Years of Basic Education in Public Schools", aiming to analyze how teachers are working to cultural diversity in public schools and identify which specific conception of the teachers in the first years the public schools, about cultural diversity, list procedures that teachers use in the classroom to work cultural diversity and reflect on the possibilities of educational action with issues of cultural diversity. The research question is how teachers are working with the existing cultural diversity in the classroom. Thus, the research that has been conducted is the descriptive and qualitative character in two public schools in the city of Cajazeiras-PB, located in underserved communities of that city, with seven teachers in the first years of elementary school, three of the school's and four B school, in morning and afternoon shifts. Methodological approach was used in one semi-structured interviews to collect data, as was also made a documentary analysis of the PPP schools surveyed. The themes addressed in the theoretical foundations are: cultural diversity in the first years of elementary school teaching practice and teachers on the subject, cultural blindness, the difference in the school and the contributions of Law 10,639 / 2003 for public education. At the end of the work, it was concluded that teachers and school working with cultural diversity in the classroom is to go beyond a folclorizado work, requiring many changes yet so you can be guaranteed to meet the laws and that the work teachers with cultural diversity in the classroom, is still sufficient.

Key word: Cultural diversity. Early Years. Educational Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL FRENTE A PRÁTICA DOCENTE	15
1.1 O DALTONISMO CULTURAL NA ESCOLA.....	17
1.2 A DIFERENÇA NA ESCOLA.....	19
1.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA LEI 10.639/2003 PARA O ENSINO PÚBLICO.....	22
CAPÍTULO 2 – A PRÁTICA DOCENTE NA LIDA COM DIVERSIDADE CULTURAL EM SALA DE AULA	26
2.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS.....	26
2.1.1 Escola A.....	26
2.1.2 Escola B.....	27
2.1.3 Diversidade Cultural: a visão dos Professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sobre o Assunto.....	28
CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE AÇÕES EDUCATIVAS LIGADA ÀS QUESTÕES RELACIONADAS À DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	56
Anexo A – Projeto Político Pedagógico da Escola Matias Duarte Rolim.....	57
Anexo B – Projeto Político Pedagógico da Escola Cecília Estolano Meireles.....	85
APÊNDICES	102
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	103
Apêndice B - Roteiro de Entrevista Com os Professores.....	104

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Diversidade Cultural nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Escolas Públicas” se deu após leituras sobre o tema “diversidade cultural” na disciplina Educação, Cultura e Diversidade, no 5º Período do Curso de Pedagogia e pelo fato de que a cada dia a discussão sobre diversidade está ganhando grande proporção no campo educacional. A partir de então foi que veio o interesse em investigar a prática docente e a diversidade cultural nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental frente ao que se preconiza os dispositivos legais para tanto. Pois a escola tem a função de proporcionar uma formação integral, que inclua o desenvolvimento intelectual, afetivo e social e que saibam também respeitar a todos independente das diferenças existentes, contudo a sociedade está cada dia mais preconceituosa e excludente apesar de está cada vez mais constituída multiculturalmente.

Embora eu não seja negra, mas tive o interesse em pesquisa sobre as diversas culturas existentes na sociedade, pois considero importante o respeito a todos independente de sua cultura, cor, sexo, religião entre outros e que está pesquisa não é apenas para os negros, mas sim para todos que tem a curiosidade e o respeito com todos que pertence a essa cultura e tem consciência da importância e as contribuições destes povos para o nosso país.

Este estudo monográfico tem como questão de pesquisa, investigar como os professores estão trabalhando com a diversidade cultural existente em sala de aula e o objeto de estudo deste trabalho refere-se à prática docente e diversidade cultural nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Seu objetivo geral foi investigar como os professores estão trabalhando a diversidade cultural nas escolas públicas, já os objetivos específicos pretenderam identificar qual a concepção dos professores dos Anos Iniciais da escola pública, acerca de diversidade cultural; fazer o levantamento dos procedimentos que os professores utilizam em sala de aula para trabalhar a diversidade cultural e refletir acerca das possibilidades da ação educativa com questões de diversidade cultural.

A pesquisa contribuiu para um melhor entendimento sobre a diversidade cultural e para sabermos como esta temática está sendo abordada nas escolas públicas, como também, para esclarecer como as escolas da amostra investigada estão trabalhando a temática e que os professores devem mostrar para os seus alunos que não devem discriminar os seus colegas por terem culturas ou qualquer outra forma de diferença, como também trabalhar em sala de aula com conteúdo programático da pluralidade cultural tendo em vista a formação cidadã dos educandos das escolas pesquisadas.

Fundamentada nos PCNs 1997 (Parâmetros Curriculares Nacionais), a pluralidade cultural está relacionada ao conhecimento e valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais do território nacional, além das desigualdade socioeconômicas, criticando toda e qualquer relação social de discriminação e exclusão que aconteça ou venha acontecer na sociedade brasileira.

É importante trabalhar com a diversidade na sala de aula, ultrapassando o daltonismo cultural dos professores, ou seja, fazendo com que enxerguem não apenas uma única cultura a elegendo como superior as demais e sim que veja a existência de um “arco-íris de culturas que encontra nas salas de aulas” (MOREIRA; CANDAU, 2008, p.31) e este arco-íris se espalha por toda a escola e ultrapassa os muros da mesma, pois a diversidade está tanto dentro como fora da escola.

Dessa forma, é inevitável negarmos a realidade de que vivemos em uma sociedade heterogênea, ou seja, onde todos somos diferentes, então não há motivos para continuar pregando a cultura do igual, diante das diferenças existentes nas escolas e na sociedade e isso fica claro, na visão de Hall quando diz “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (2000, p. 102 *apud* PARAÍSO p. 02).

Existe uma gama de manifestações da diversidade cultural, tais como: relações étnico-raciais de afirmação de identidades de negros, indígenas, ciganos, semitas; de superações de discriminações no binômio campo-cidade e das afirmações de diferenças nas relações de (re)produção cultural, tais como entre nordestinos e paulistas ou paulistanos (em São Paulo) de orientação sexual, mas o recorte deste estudo monográfico, são as questões de educação ligadas as relações étnico-raciais no que tange às afirmações das identidades de negros. Sobretudo ao que tange ao trabalho com a diversidade nos Anos Iniciais, no ensino fundamental da escola pública.

Assim, apoiando-se nos PCNs percebe-se que a escola é o lugar onde podemos encontrar a maior concentração de diversidade, bem como a existência de discriminação e preconceito, e que a maioria dos professores não têm conhecimento sobre a diversidade cultural e acaba por negar a diferença que está no pátio, nas salas de aula e por todas as partes da escola. Fica evidente, portanto, que é indispensável, favorecer tal realidade educacional para evitarmos eventuais preconceitos e discriminações, fornecendo caminhos de reflexões em torno de uma prática educativa pautada no trabalho com a diversidade.

A pesquisa desenvolvida neste trabalho monográfico é do tipo descritiva haja vista que “a pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos,

comunidades, entre outros aspectos” (OLIVEIRA, 2008, p.68), bem como de caráter qualitativa em que “(...) todos os fatos e fenômenos são significativos e relevantes, e são trabalhados através das principais técnicas: entrevistas, observações, análise de conteúdo, estudo de caso e estudos etnográficos” (MARTINELLI, 1999, p.24 apud OLIVEIRA, 2008, p.38). Mas, não se fez neste trabalho nenhum estudo de caso e nem estudos etnográficos, apenas a entrevista – E, por conseguinte, suas devidas cauterizações balizadas por observações sistemáticas das dinâmicas educacionais nas salas de aula e dos processos de organização pedagógica das escolas *locus* dessa investigação.

As instituições em que foi realizada a pesquisa, são duas escolas públicas Municipais da cidade de Cajazeiras - PB, estão localizadas em comunidades carentes da referida cidade, nas quais foram entrevistados sete professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo três na escola A e quatro na escola B, nos turnos manhã e tarde que trabalham com crianças nas faixas etárias entre 04 a 15 anos de idade.

Na pesquisa foram utilizados a entrevista, pois a mesma “é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e a obtenção de descrição detalhadas sobre o que se está pesquisando” (OLIVEIRA, 2008, p.86) e a análise documental dos PPPs, pois “esse procedimento é bastante recomendável, visto que o pesquisador precisa conhecer em profundidade o contexto em que se insere seu objeto de pesquisa (OLIVEIRA, 2008, p. 90).

Na entrevista foi utilizando um gravador de voz digital, o qual tem o “[...] poder de registro e captação de elementos de comunicação de extrema importância, pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, aprimorando a compreensão da narrativa” (SCHRAIBER, 1995, *apud* BELEI, et al., 2008, p. 189) e na análise documental, na qual foram analisados os PPPs (projeto político pedagógico) das escolas escolhidos a partir de uma análise documental visando “[...] construir um corpus satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (CELLARD, 2008:298 *apud* SILVA, et al 2009, p.3), focando nos aspectos mais importantes, na sequência fora feito a leitura do documento, analisando esses pontos de acordo com a teoria.

O método de análise dos dados utilizado foram as falas das professoras participantes da pesquisa, nas quais “o pesquisador descreve e interpreta o conteúdo das mensagens, buscando dar respostas à problemática que motivou a pesquisa e, assim, corrobora com a produção de conhecimento teórico relevante” (SILVA, et al, 2009, p. 459), a partir disto, foram feitas categorias de análises, em que analisou-se os pontos mais importantes encontrados nas falas das entrevistadas.

Portanto, a seguinte pesquisa, poderá contribuir com novas reflexões sobre a importância de se trabalhar com a diversidade cultural existente em sala de aula e para que não haja exclusão de alunos nas escolas, pelo simples fato de terem culturas diferentes das demais, então, tornar-se necessário a escola trabalhar vinculada ao ideal de formação humana, pois a diversidade cultural é um projeto de humanização dos sujeitos e não se discutir diversidade cultural de forma estanque ou desvinculada de um projeto de formação humana, mas por intenção de instruir os sujeitos e conscientiza-los que a diferença é o que os identifica e ao mesmo tempo os assemelha com os outros, pois as pessoas podem ser iguais na diferença, bem como exercer a sua humanização através da cidadania, pois quanto mais humano, mais cidadã.

Para tanto, dividiu-se esta monografia em três capítulos, sendo que no primeiro é a fundamentação teórica que está dividida em tópicos, no qual traz o embasamento teórico que enfatiza a diversidade cultural, o daltonismo cultural existente na escola, as leis que asseguram os direitos dos grupos étnico-raciais, as diferenças na escola e suas contribuições da Lei 10.639/2003 para o ensino público.

No segundo capítulo temos as caracterizações das duas escolas Municipais da cidade de Cajazeiras-PB que compõem a amostra da pesquisa, a análise dos dados coletados, achados das entrevistas analisadas a partir dos acúmulos sistematizados da pesquisa de campo, procurando explorar os cenários de estudos, tendo em vista a questão de pesquisa.

No terceiro capítulo, temos as análises dos PPPs das escolas, que buscou coletar informações necessárias para responder a questão de pesquisa e confirmar se as respostas das entrevistas estavam de acordo com o referido documento, sugestões de como se trabalhar com a diversidade cultural em sala de aula e experiências exitosas para se trabalhar com os alunos, além do ambiente escolar.

CAPÍTULO 1 – A DIVERSIDADE CULTURAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL FRENTE A PRÁTICA DOCENTE

O tema diversidade cultural está presente nos diversos lugares, ou seja, nas ruas, nas praças e principalmente nas escolas, pois o Brasil é um país de várias culturas e vários povos (RIBEIRO, 2013 *apud* SILVA), mas mesmo com essas misturas ainda existem preconceito e discriminação com os mesmos. Para tanto, Gomes (2008), inicialmente, se faz necessário compreender diversidade como:

[...] a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder (GOMES, 2008, p.17).

Analisando o contexto atual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) retratam que a sociedade brasileira hoje é formada por várias culturas, pois o solo brasileiro recebe povos de outros países, que constroem suas casas e famílias aqui, mas o contato entre essas diferentes culturas tem ocasionado preconceito e discriminação¹. Para que tenhamos uma sociedade democrática temos que respeitar as diferentes culturas existentes, que são elementos essenciais para uma boa convivência.

Precisamos ter consciência que a diferença não está apenas nos povos que vem de outros países, está também em nós mesmos, pois segundo Ribeiro (2002) existe diversos modos de ser brasileiro e isto fica evidenciado quando diz que:

(...) diversos modos rústicos de ser dos brasileiros, que permitiam distingui-los, hoje, como *sertanejos* do Nordeste, *caboclos* da Amazônia, *crioulos* do litoral, *caipiras* do Sudeste e Centro do país, *gaúchos* das campanhas sulinas, além de ítalo-brasileiros, teuto-brasileiros, nipo-brasileiros etc. Todos eles muito mais marcados pelo que têm de comum como brasileiros, do que pelas diferenças devidas a adaptações regionais ou funcionais, ou de miscigenação e aculturação que emprestam fisionomia própria a uma ou outra parcela da população (RIBEIRO, 2002, p. 21 *apud* SILVA, 2013, p.143).

¹ Discriminação: Ato ou efeito de distinguir e separar pessoa ou grupo em uma sociedade, de forma pejorativa e vexatória, impedindo o exercício dos direitos humanos. (PARAÍBA, 2010, p. 259)
Preconceito: “Opinião que se emite antecipadamente, a partir de informações acerca de pessoas, grupos e sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipos, que se transformam em julgamento prévio, negativo.” (SECAD, 2006, p.221 *apud* PARAÍBA, 2010, p.261)

A sociedade no geral, ver a diferença como um problema e não como algo que está por todas as partes e Candau (2011, p.253) deixa isso claro ao dizer que “a diferença é vista como um problema a ser superado” e não sendo comum a todos. Este não é o caminho a seguir, pois ignorar o que está acontecendo não vai resolver, só irá acarretar mais problemas. Além do mais, conforme Silva (2000) a identidade é marcada principalmente pela diferença, então, fica claro que construímos nossa identidade mediante as diferenças que encontramos ao longo da vida.

Não se pode tratar a diferença com um problema, pois como diz Bento (2006, p.21) “as pessoas nascem seres humanos, e tornam-se, por força da experiência de viver em sociedade, negros, brancos ou amarelos” e Mandela como é de domínio público em um contexto peculiar as suas lutas e processos de formação humana na África do *apartheid* trouxe uma imortal argumentação sobre o assunto, pois para ele “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Ainda segundo Nelson Mandela, “da mesma forma que aprendemos a odiar as pessoas, podemos aprender a amá-las, não pelo fato dela pertencerem à outra religião, ter outro tom de pele, ter outra origem que ela não merece ser amada, o amor se constrói, da mesma forma que o ódio”.

De fato, o que está acontecendo com a diversidade étnico-racial² é apenas o reconhecimento e não a justiça social devida, como também, o discurso de existência e aceitação da diferença cultural, não passa de acomodação social por parte das pessoas, isso fica evidente nas palavras de Marques (s/d, p.04) quando diz:

o mero reconhecimento da diversidade étnico-cultural não é garantia de justiça social. Percebe-se que o discurso da existência e da aceitação de uma sociedade multicultural provoca certa ‘acomodação social’ no tocante à condição sócio-econômica dos indivíduos na sociedade.

Portanto, não basta apenas reconhecer as diferenças, temos também que sermos justo em relação aos direitos e deveres de todos, pois precisamos fazer a justiça social, como

² Existem atualmente para garantir os direitos dos povos étnico-racial as Leis 9.394/96 que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, o direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, o acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros, a 10.639/2003, a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, a 11.645/2008 inclui o direito dos povos indígenas e os parecer CNE/CP nº. 03 de 10 de março de 2004 modifica o currículo das escolas, as obrigando a trabalhar a cultura afro-brasileira e africana e as reconhecendo como de grande relevância para a formação do indivíduo em quanto cidadão, CNE/CP nº 01 de 17 de junho de 2004 detalha todos os direitos e obrigações dos entes federados para a implementação da Lei 10639/2003 em todos os estabelecimentos de ensino público e particular do ensino fundamental ao médio.

também, uma sociedade, onde todos tenham vez e voz independentemente de cor, raça ou religião.

A escola em algumas ocasiões, através das suas práticas educativas pretende-se que todos sejam iguais, mas, para que isso aconteça deve-se levar em consideração que o trabalho docente precisa de determinadas práticas pedagógicas para lidar com tais questões, afim de evitar situações preconceituosas ou discriminatórias, e não cometer o engano de preconizar a homogeneização e o desrespeito às diferenças. Nesta perspectiva Marques (s/d, p.03) nos fala que: “as práticas educativas que se pretendem iguais para todos, muitas vezes, acabam sendo discriminatórias, pois, dependendo da teoria, da prática apresentada, em prol do discurso da equidade, pode-se incorrer no erro da homogeneização, em desrespeito às diferenças”.

Baseando-se no princípio de equidade, é preciso tratar desigualmente os desiguais, uma vez que cada um precisa reconhecer o seu direito na sociedade. Pois, como por exemplo, uma criança negra, pobre, de periferia, que estudou em escola pública a vida inteira não tem como concorrer em um vestibular ou Enem, como uma criança branca, de classe média ou rica, que estudou sua vida inteira em escola particular e frequentou os melhores cursinhos da cidade. É o mesmo caso da cota para os negros, nos quais os mesmos concorrem entre eles próprios, por uma vaga, pois assim é uma concorrência justa. Em outras palavras, tratar desigualmente os desiguais, é tratar a igualdade na diferença.

A escola precisa trabalhar com os seus educandos a diversidade cultural, e ensinar aos mesmos que não podem discriminar ou ter algum tipo de preconceito com os seus colegas, apenas pelo fato de não pertencerem à mesma cultura. Assim, é preciso que sejam respeitados, bem como os professores não podem continuar pregando a homogeneização cultural, ou seja, elegendo e elencando apenas uma única cultura e desconsiderando as mais variadas presentes e inseridas no meio social, pois, isso é chamado de daltonismo cultural e isso não pode mais acontecer nos dias atuais.

1.1 O DALTONISMO CULTURAL NA ESCOLA

Os professores têm a obrigação de mostrarem para os seus alunos que eles precisam respeitar os seus colegas independentes de sua cultura ou *habitus*. Nas palavras de (BOURDIEU, 1998, *apud* PIMENTA 2004, p. 108), “[...]portanto, um princípio operador que leva a cabo a interação entre as estruturas objetivas e as práticas; um sistema de esquemas interiorizadas, que permitem engendrar todos os pensamentos e percepções e as ações características de um cultura”.

Portanto, *habitus* é a interação entre as estruturas objetivas e as práticas; é um sistema de esquemas interiores, que permitir gerar todos os pensamentos e percepções, como também as características de uma cultura, ou seja, é o comportamento individual de cada pessoa, tendo algumas características comuns do grupo à qual pertence, já a cultura são as manifestações artísticas, a arte, a música, o conhecimento, as crenças, entre outros, de um determinado povo.

Então, não devemos discriminar os outros, pelo simples fato que somos todos diferentes, pois, o Brasil é um país de muitas culturas e não há condições de elegermos uma única cultura como superior as demais em função de que todos temos direito e deveres iguais e, a partir daí, o professor estará contribuindo para acabarmos com o daltonismo cultural existentes nas escolas.

Nesse sentido, Stoer & Cortesão (1999 *apud* MOREIRA; CANDAU 2008, p.31) argumenta sobre o conceito de professor daltônico, afirmando ser este é:

(...) aquele que não valoriza o ‘arco-íris de culturas’ que encontra nas salas de aulas e com que precisa trabalhar, não tirando, portanto, proveito da riqueza que marca esse panorama. É aquele que vê os alunos os estudantes como idênticos, não levando em conta a necessidade de estabelecer diferenças nas atividades pedagógicas que promove.

Mediante o que foi abordado fica evidente que o professor precisa se conscientizar de que suas atitudes estão negando a diversidade cultural existente nas nossas escolas, pois ao passo que se nega uma cultura, se afirmar tacitamente outra. Nesse sentido, é necessário que haja uma mudança em suas práticas como educador, pois, só dessa forma poderá haver uma mudança efetiva para amenizar o preconceito e a discriminação existente nas escolas. Segundo Moreira e Candau (2008, p. 32) para acabarmos com o daltonismo cultural e a visão monocultural da escola é preciso que haja “(...) um processo pessoal e coletivo que exige desconstruir e desnaturalizar estereótipos e ‘verdades’ que impregnam e configuram a cultura escolar”.

Então, fica evidente que os professores devem trabalhar juntos para que consigam eliminar os estereótipos e o daltonismo cultural nas escolas e tudo que venha a prejudicar a diversidade encontrada nas escolas, com isso, o professor necessita mudar sua postura enquanto profissional da educação, superando assim a deficiência que tem sido o trabalho com este tema e que possa trabalhar com a cultura do respeito às diferenças.

1.2 A DIFERENÇA NA ESCOLA

Vivemos em uma sociedade de aparências em que tudo tem que estar de acordo com as regras impostas pela mesma, onde as pessoas valem pelo o que possuem e não pelo seu caráter. E, para que sejamos aceitos, precisamos nos adequar ao que está sendo exigido por ela, deixando muitas vezes de lado, quem somos para ser igual ao outro, principalmente nos aspectos físicos e socioeconômicos.

Nas escolas não é diferente. Estão pregando a cultura do igual e esquecendo a existência da diferença e isso fica evidente nas palavras de Candau (2011, p.241):

A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nesta ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um problema a resolver.

A cultura dominante das escolas está tratando as diferenças como problema a resolver e não como algo que faz parte do indivíduo e não há motivos para ser mudado, tem criado um povo subalterno a outro, diferente, submisso, envolto de cabresto, inconsciente, com uma única cultura e que fala apenas uma língua, deixando de lado as diferenças entre as pessoas, que são considerados iguais diante da Lei, mas esquecem que são iguais em direitos e não são obrigados a serem iguais em tudo. Ferreiro (2011 *apud* CANDAU, 2011, p.242)

A escola pública gratuita e obrigatória do século XX é herdeira da do século anterior, encarregada de missões históricas de grande importância: criar um único povo, uma única nação, anulando as diferenças entre os cidadãos, considerados como iguais diante da lei. A tendência principal foi equiparar igualdade à homogeneidade. Se os cidadãos eram iguais diante da lei, a escola devia contribuir para gerar estes cidadãos, homogeneizando as crianças, independentemente de suas diferentes origens. Encarregada de homogeneizar, de igualar, esta escola mal podia apreciar as diferenças. Lutou não somente contra as diferenças de língua, mas também contra as diferenças dialetais da linguagem oral, contribuindo assim para gerar o mito de um único dialeto padrão para ter acesso à língua escrita.

A autora deixa claro que o único interesse da escola é a homogeneidade e o que a mesma deseja é que todos os alunos sejam iguais em atos e pensamentos, que não preocupe-se com as diferenças existentes, onde, a escola tem uma visão daltônica e não enxerga a diversidade cultural, que está presente na mesma.

Diante disso, é dever do Estado garantir uma educação de igualdade de direitos sociais, civis, culturais e econômicos para todos pois os negros em especial precisam ser reparados por tudo o que sofreram durante o período escravista, pelo preconceito e discriminação que sofrem até hoje, já que os mesmos com o passar do tempo ainda sofrem com piadas pejorativas, apelidos depreciativos, brincadeiras, ridicularização pelos seus traços físicos, entre outros (BRASIL, 2004).

É na escola que possuímos o espaço por excelência para o trabalho de formação humana sob a égide da diversidade cultural, mas também é onde acontece a discriminação, isto é tão evidente que existem, nos interiores, desta, acentuando ainda mais os problemas ligadas à não afirmação de identidades culturais. Portanto, o professor tem que ser o mediador do conhecimento, isso e mais estão nas palavras de (OLIVEIRA, 2001, p. 03) quando diz:

A escola é o espaço onde se encontra a maior diversidade cultural e também é o local mais discriminador. Tanto é assim que existem escolas para ricos e pobres, de boa e má qualidade, respectivamente. Por isso trabalhar as diferenças é um desafio para o professor, por ele ser o mediador do conhecimento, ou melhor, um facilitador do processo ensino- aprendizagem. A escola em que ele foi formado e na qual trabalha é reprodutora do conhecimento da classe dominante, classe esta, que dita as regras e determina o que deve ser transmitido aos alunos. Mas, se o professor for detentor de um saber crítico, poderá questionar esses valores e saberá extrair desse conhecimento o que ele tem de valor universal.

A escola precisa trabalhar com a diversidade que está presente na mesma, não tem como fingir que a escola não está diferente, pois nas salas de aula, no pátio, nos corredores, crianças, jovens e adolescentes fazem diferentes culturas de diferentes maneiras e para garantir o direito a todas as essas diferenças foi que surgiu às leis elaboradas pelo governo, mas que foram conquistadas pelos movimentos sociais, através de lutas históricas.

A primeira Lei que surgiu para assegurar e garantir os direitos das pessoas que pertencem à cultura/grupo afro-brasileiro foi a da LDB 9.394/96 “(...) que asseguram o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garante igual direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros” (BRASIL, 2004, p.01).

Portanto, a partir da criação desta Lei fica assegurada direito a igualdade de condições de vida e cidadania a todos os afrodescendentes, como também o reconhecimento de sua cultura que passa a compor a cultura brasileira, mas só isto não bastava, então foi criada outra Lei para dá suporte a primeira.

A partir disto, foram feitas alterações na mesma e a criação da Lei 10.639/2003 na qual ficou estipulado o seguinte “(...) a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica” (BRASIL, 2004, p.01).

Com a criação desta Lei todas as escolas públicas e privadas da Educação Básica foram obrigadas a trabalhar e reconhecer a cultura afrodescendente e a sua importância na história de nosso país, mas para que isso aconteça é preciso que as escolas fomentem seus currículos a partir de suas especificidades pedagógicas, vinculadas à afirmação de identidades étnico-raciais como contemplam as Leis 9.394/96 e 10.639/2003.

Com a alteração da Lei 9.394/1996 pela 10.639/2003, o Conselho Nacional de Educação emitiu um parecer CNE/CP nº. 03 de 10 de março de 2004, no qual modifica o currículo das escolas, obrigando-as a trabalhar a cultura afro-brasileira e africana, no intuito de promover o reconhecimento para a formação do indivíduo enquanto cidadão.

Alguns meses depois foi emitindo outro parecer o CNE/CP nº 01, publicado em 17 de junho de 2004, no qual detalha todos os direitos e obrigações dos entes federados para a implementação da Lei 10.639/2003 em todos os estabelecimentos de ensino público e particular do Ensino Fundamental ao Médio.

Posteriormente foi implementada a Lei 11.645/2008 que tem ênfase nas duas anteriormente e ainda inclui o direito dos povos indígenas, reconhecendo que esses povos, também sofrem tanto quanto os negros com preconceitos e discriminação. Vale destacar que essas leis não são apenas um instrumento para combater a exclusão social, são leis afirmativas e que reconhecem a escola como um lugar que forma cidadãos³.

E como tal a escola deve trabalhar buscando ampliar a visão dos seus educandos com relação à diversidade cultural e racial, pois raça vem do latim medieval e significa “[...] a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum.” (MUNANGA, p. 01, 2003). Assim sendo, todos nós pertencemos ao um determinado grupo de pessoa e cada grupo tem a sua herança genética e devemos valorizar o grupo ao qual pertencemos e respeitando os demais, pois não existe grupo melhor ou pior, todos tem as suas especificidades e diferenças.

O que percebe-se ultimamente é a discriminação de determinados grupos, considerando que os negros são as principais vítimas do racismo. Conforme destaca o autor

³ Compreendendo **cidadania** enquanto “cidadania é o exercício equilibrado e harmonioso dos direitos e deveres de todos e de cada um: mas os direitos de uns nunca devem se firmar em detrimento dos direitos dos outros.” (Anchieschi & Santos, 2004, p.30 *apud* Cavalcante), mas não é a melhor definição pois cidadania é a capacidade de participação nos rumos de desenvolvimento da cidade, ou para Jaime Pinsky, “é participação, ter direitos e obrigações.

racismo é: “[...] qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social” (MUNANGA, p.08, 2003).

Além dos negros, existe racismo, preconceito e discriminação contra as mulheres, judeus, discentes extremamente inteligentes, pessoas com deficiências, jovens, homossexuais, pobres, burgueses, militares, etc. Qualquer forma de rejeição é discriminação, não importa contra quem seja, todos estão sujeitos a passar por este tipo de situação e sofrer com o racismo que surgiu há anos, ainda perpetua com o passar do tempo e com as transformações na sociedade ainda continuar existindo.

Os estudos sobre racismo surgiram no final do século XVIII e meados do século XIX e hoje estamos no terceiro milênio, e vemos que as pessoas racistas ainda não recuaram, continuam discriminando os outros e agora existe uma nova forma de racismo que é com base nas diferenças principalmente culturais e identitárias, pois as pessoas têm que tomarem consciência de que cada um tem sua identidade própria e isso fica evidente nas palavras de Munanga (2003, p.05) “[...] Cada indivíduo humano é único e se distingue de todos os indivíduos passados, presentes e futuros”.

Para dá suporte a luta contra o racismo e o preconceito contra os afrodescendentes foi criada a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e a cultura Afro-Brasileira e africana, nos estabelecimentos de Ensino do Fundamental ao Médio, só não foram mencionadas as instituições de Ensino Superior. Sendo assim, as escolas têm por obrigação trabalhar estes conteúdos em sala de aula, com os seus alunos.

1.3 AS CONTRIBUIÇÕES DA LEI 10.639/2003 PARA O ENSINO PÚBLICO

O poder executivo federal publicou a Lei 10.639/2003 e o Conselho Nacional de Educação, que garante a inclusão do artigo 26 na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com a criação desta Lei para educação brasileira, as escolas e os professores, estão sendo desafiadas e desafiados a incluir nos currículos, o lugar devido e merecido para a África na história da humanidade.

A escola precisa trabalhar com a Lei 10.639/2003, pois segundo o artigo cita anteriormente é obrigatório o ensino sobre a história e cultura Afro-Brasileira em todos os estabelecimentos de ensino público e particular do fundamental ao médio.

Mas o que está acontecendo é o fato de que alguns professores ainda desconhecem a Lei ou simplesmente não trabalham com ela por não saberem como colocar em prática o que está proposto, com isto está cada vez mais difícil aplicar a mesma, pois em alguns cursos de

formação inicial e continuada, ainda não aplica o uso da mesma, dificultando a atualização dos professores com relação a essas Leis.

Aqui na cidade de Cajazeiras - PB, percebe-se a ausência e precarização da disponibilização de curso de formação continuada sobre esta temática, verificou-se a partir de um levantamento realizado junto à Secretária de Educação da cidade sobre a realização de cursos nesta área, sendo informado somente à existência de apenas três cursos relacionados à temática nos últimos cinco anos, mas as informações encontradas divergem, não sendo repassadas informações detalhadas sobre o assunto, apenas falou-se da existência destes três cursos de formação continuada e que os mesmos trataram de vários assuntos relacionados com o tema diversidade e foram ministrados por pessoas de várias cidades, inclusive de outros estados.

Estes cursos foram direcionados principalmente para professores da rede pública de ensino da cidade de Cajazeiras – PB, com o intuito de auxiliá-los a enfrentar os problemas que tenham ou possa vir a ter com relação ao trabalho com a diversidade em sala de aula, como na escola no geral. Então como se pode perceber, o número de curso nesta área é insuficiente para atender a demanda de professores, como também para qualificar os mesmos, pois eles precisam estar sempre procurando qualificar-se, caso isso não venha acontecer, os mesmos ficarão parados no tempo e a temática não será trabalhada em sala de aula por falta de preparo.

Só a Lei não basta! É preciso que todos tenham consciência que somos iguais em direito e deveres, independentemente de cor, raça, religião, entre outros e que a escola precisa trabalhar mostrando que a África é um país que merece o respeito de todos e que nós temos identidade de matriz africana na nossa cultura, ou seja, no nosso sangue tem sangue africano, pois o Brasil é um país de diversas culturas.

Lopes (2009) considera a África como um continente importante em que se podem estabelecer relações de igualdade. Então, não há motivos para tanta discriminação e preconceitos se somos todos iguais em direitos e deveres e podemos desenvolver relações de igualdade uns com os outros.

Não há motivos para obrigar as pessoas de diferentes culturas adquirirem costumes que não são os seus, apenas para ser aceitos nas instituições de ensino e não ser discriminados dentro das mesmas, se todos têm o direito de ser diferentes. Brasil (1997, p.20):

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção

de conhecimento, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social.

As culturas são produzidas pelos diversos grupos sociais e não tem como todos terem a mesma cultura, então, a única solução é aceitarmos as diferenças entre grupos, que possui sua identidade própria pertencendo a um determinado grupo social e cultural. Então, Santos (1996 p.21 a 22) fala que “por cultura se entende muita coisa” e ele dá duas definições importantes:

[...] se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. [...] Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma. A lista pode ser ampliada.

Mas o que está acontecendo no Brasil não é uma sociedade regida por direitos, mas por privilégios que se transformam em discriminações e preconceitos do tipo: socioeconômico, étnico e cultural, que as pessoas de classes favorecidas exercem sobre as classes menos favorecidas (BRASIL, 1997).

Candau (2011, p. 241) expressa sua opinião sobre as injustiças que estão acontecendo em relação às diferenças culturais, ao dizer que:

As diferenças-étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, sabores, crenças entre outros modos de expressão. As questões colocadas são múltiplas, visibilizadas principalmente pelos movimentos sociais, que denunciam, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural.

Cada vez mais os movimentos sociais estão levantando a bandeira da diversidade independente que ela seja sexual, social ou cultural, o que eles buscam é o direito a diferença, o respeito e a igualdade perante a sociedade e acesso a bens e serviços que são direitos de todos e dever do Estado garantir isso, chega de tanto preconceito e discriminação na sociedade.

Portanto, a diversidade cultural deve ser trabalhada pela escola na sala de aula, juntamente com a Lei 10.639/2003 para que sejam assegurados os direitos de todos que foram ou estão sendo excluídos pelo fato de ser de culturas diferentes, pois todos têm os mesmos direitos dos demais e não podem mais serem vítimas do preconceito e da discriminação existente na sociedade brasileira que é formada por várias culturas. Mesmo assim a sociedade ainda é bastante preconceituosa.

No segundo capítulo intitulado “A Prática Docente na lida com Diversidade Cultural em Sala de Aula”, aborda a caracterização das duas escolas pesquisadas no estudo monográfico, como também, as análises das falas das entrevistadas, fazendo uma relação com os autores citados no referencial teórico deste capítulo.

CAPÍTULO 2 – A PRÁTICA DOCENTE NA LIDA COM DIVERSIDADE CULTURAL EM SALA DE AULA

Neste capítulo contém a caracterização das escolas, das professoras que participaram da pesquisa, a exposição das análises dos dados coletas no campo de pesquisa que foram através das entrevistas, procurando confirmar a questão de pesquisa e verificar como as escolas estão trabalhando a diversidade cultural com seus alunos, mas é importante perceber em que cenário em que lugar essa dinâmica de dificuldade, de compreensões, de trabalho nesta direção de diversidade acontece nas escolas públicas então caracterizemos essas escolas para se entender o ambiente em que essas dinâmicas de dificuldades e compreensões foram percebidas.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS

2.1.1 Escola A

Uma das instituições, *locus* da pesquisa, é uma escola Municipal da cidade de Cajazeiras – PB. A pesquisa foi desenvolvida primeiramente através de uma entrevista semiestruturada⁴ com os professores do Ensino Fundamental I, com a faixa etária entre 26 a 56 anos e posteriormente foi feita uma análise documental do PPP da escola, sob o foco de sabemos como as escolas estão trabalhando a diversidade cultural.

A referida escola atende a crianças oriundas de baixa renda da zona rural e urbana da cidade de Cajazeiras/PB, funcionando em dois horários, matutino e vespertino, trabalhando com as turmas de Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I e II. Tem uma estrutura simples, sua arquitetura se enquadra as necessidades educacionais destes níveis de ensino, pois é ampla e espaçosa, já se encontrando adaptado para as crianças com necessidades especiais, considerando-se que o mesmo possui várias rampas de acesso, um banheiro adaptado e uma sala de atendimento educacional especializado.

É composta por 01 diretoria, 01 secretaria, 01 sala para os professores, 01 biblioteca, 01 sala para informática e vídeo (01 TV, 01 Vídeo, 01 Micro system, 01 mimeógrafo e alguns computadores). São 08 salas de aula, amplas e espaçosas, com 04 ventiladores e cadeiras em boas condições de uso, 01 cozinha grande com armários e repartimentos nos quais são

⁴ Entrevista semiestruturada “(...) o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão.” (Lakatos, 2008, p.279)

colocados os pratos e talheres das crianças, na mesma também tem uma geladeira, fogão de seis bocas e frizer, 01 refeitório com mesas grandes para as refeições das crianças e bebedouros. Possui um pátio bem espaçoso para recreação dos alunos e 04 banheiros, sendo (02 subdivididos, um masculino e um feminino, 01 dos professores e um adaptado, todos em boas condições de uso).

O corpo administrativo da instituição é composto por 01 diretora com graduação em Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar e especialização em Psicopedagogia, 01 vice-diretora com graduação em Filosofia e especialização na mesma área, 01 coordenadora graduada em Pedagogia e habilitação em Supervisão Escolar e com especialização em Gestão Escolar, 01 secretária com Ensino Médio. O corpo docente é formado por 15 professores graduados em suas respectivas áreas de atuação, sendo 12 especialistas e 01 mestre. A escola recebe 266 alunos, sendo 140 do turno da manhã com faixa etária de 04 a 10 anos, e 126 alunos do turno da tarde na faixa etária de 10 a 14 anos.

Os recursos materiais, didáticos e pedagógicos utilizados na instituição são: livros, jogos pedagógicos e multimídias. A escola possui projeto político pedagógico, que foi elaborado em 2011 pela coordenação pedagógica, professores e gestores, tendo proposta para ser revisado este ano. O planejamento da escola acontece semanalmente.

A escola utiliza o critério de avaliação quantitativa e qualitativa do 2º ao 9º ano, sendo que na Educação Infantil os professores elaboram pareceres descrevendo o nível de desenvolvimento dos alunos. A formação contínua dos professores é realizada pela Secretaria de Educação do Município, sendo que cada professor se atualiza em sua área de atuação.

Como já mencionado, a escola atende a crianças da periferia, da zona rural, portanto, tem considerável número de crianças negras, brancas, morenas, deficientes, ou seja, atende uma pluralidade de culturas, como também crianças de todos os segmentos de minorias sociais e a absoluta maioria delas pobres. Essas crianças no intervalo, na sala de aula, pelo que foi percebido no diálogo com os professores, são crianças que se discriminam, que trazem o preconceito consigo, que mobilizam o preconceito na seleção dos seus amigos, que faz com seus colegas brincadeiras de “mal gosto” por eles serem diferentes.

2.1.2 Escola B

Realizou-se a pesquisa também em outra escola municipal da periferia urbana da cidade de Cajazeiras-PB. A referida escola atende também a crianças oriundas de baixa renda da zona rural e urbana da cidade de Cajazeiras/PB, funcionando em dois horários, matutino e

vespertino, trabalhando com as turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II, na faixa etária de 4 a 16 anos.

A sua estrutura é simples, possui 12 salas de aula, 1 sala dos professores, 1 laboratório de informática, 1 sala de vídeo, 5 banheiros masculinos e 5 banheiros femininos, 1 diretoria, 1 secretária, 1 cozinha, 1 depósito, 1 almoxarifado, 1 pátio espaçoso sem cobertura, 1 biblioteca, 1 sala de atendimento especial e 1 horta.

O corpo administrativo da instituição é composto por 01 diretora, 1 vice-diretora, 1 coordenador pedagógico, 2 apoio pedagógico. O corpo docente da escola é formado por 29 professores, sendo que 27 deles são graduados na sua área de atuação, 2 estão fazendo a graduação, 25 deles são especialistas e 4 são mestrandos. Além de 3 auxiliares de serviços gerais e 2 vigilantes. A escola possui 66 alunos matriculados na Educação Infantil, 191 no Ensino Fundamental I e 212 no Ensino fundamental II.

Os recursos materiais, didáticos e pedagógicos utilizados na instituição são: livros, jogos pedagógicos e multimídias. A escola possui projeto político pedagógico, que foi elaborado em 2013 e o planejamento da escola acontece quinzenalmente, com a coordenação e a gestão escolar.

A escola possui parceria com a faculdade Santa Maria, com a UFCG no programa PIBID, empresários da cidade fazem doações de cestas básicas solidárias para serem sorteados entre as famílias dos alunos matriculados, uma vez por mês e uma professora de educação física faz atividades com os alunos e funcionários da escola.

Essa escola não é tão diferente das outras, ou seja, a mesma também atende crianças vindas da zona rural, crianças brancas, negras, pobres e que enfrentam os mesmos problemas sociais que as crianças da outra escola. Pois na entrevista com os professores pode se perceber na fala das mesmas que as crianças são discriminadas entre elas mesmas, pela sua cor, condição social, sexo, características físicas.

2.3 – DIVERSIDADE CULTURAL: A VISÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O ASSUNTO

A diversidade cultural está relacionada à multiplicidade, pluralidade, a coexistência de diferentes culturas, etnias e/ou grupos sociais ao multiculturalismo que estão presentes na sociedade, como também admite a presença de múltiplos valores, crenças e costumes culturais (Bhabha, 2003 *apud* Marques s/d). No entanto, algumas professoras estão tendo uma visão equivocada sobre o assunto, pois, para alguns delas o trabalho com a diversidade cultural, está

sendo ensinar os alunos a referência da tolerância e se isto não bastasse, ainda estão confundido respeito com tolerância, pois o respeito consiste em conviver e compartilhar espaço com o diferente, e na tolerância as pessoas em alguns casos ou até mesmo no geral, simulam a aceitação do outro e confundem esta aceitação com o fato, de não terem preconceito, pois é evidente que supostamente aceita o outro, não necessariamente quer dizer que não se tem preconceito.

Portanto, é nisto que as professoras precisam trabalhar com seus educandos, que a tolerância é algo inicial, ou seja, não um elemento final no processo de formação humana. É um valor que deve ser trabalhado em sala de aula, é um elemento essencial para o diálogo e para a permanência dos alunos, que pertencem à culturas diferentes continuarem em sala de aula em franco processo de interação e construções comuns. Isto fica evidenciado nas palavras de algumas professoras entrevistadas, tais quais.

A diversidade cultural está inserida diretamente na vida da gente. Portanto, é um tema que deve ser refletido diariamente no fazer da escola. **Professora A1** [em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Trabalhar a diversidade é tão importante quando trabalhar os outros conteúdos. **Professora B1**[em entrevista concedida no dia 30/05/2014].

É muito importante. Porque desde cedo eles já vão aprendendo a trabalhar com a diversidade. Aí quando **eles já tiverem na idade certa de compreender, eles já vão ter assimilado mesmo que de forma inconsciente alguns conceitos que eles vão ter necessidade para utilizar na prática no dia-a-dia (...)** Professora B2 [em entrevista concedida no dia 29/05/2014 – *Grifo meu.*].

Durante as falas das entrevistadas, as mesmas demonstraram a importância de se trabalhar com a diversidade cultural e que esta, estar inserida no cotidiano de todos e que deve estar diariamente no fazer da escola, mas a professora B2, fala na idade certa de compreender as coisas. Então pergunto: mas será que tem uma idade certa para respeitar as pessoas e suas diferenças?

As professoras estão vendo a diversidade cultural como instrumento que a escola precisa trabalhar e como algo que acontece todos os dias, fazendo-se necessário aceitar a existência dessa diversidade na escola. De acordo com a fala das professoras, elas entendem a importância de se trabalhar com a diversidade, mas não conseguem trazer para dentro da escola de modo sistemático e duradouro, como circunstanciado que os educandos convivem na família, na igreja, nos espaços com os amigos, ou seja, a escola não consegue fazer a

interação entre o que os educandos vivem dentro e fora dela. O que vai ao encontro do que Marques (s/d, p.04) afirma,

O mero reconhecimento da diversidade étnico-cultural não é garantia de justiça social. Percebe-se que o discurso da existência e da aceitação de uma sociedade multicultural provoca certa ‘acomodação social’ no tocante à condição sócio-econômica dos indivíduos na sociedade.

A professora B2 em sua fala destaca um ponto importante para a discussão ao dizer que quando os alunos tiverem na idade certa de compreender certos conceitos para utilizar no dia a dia, ou seja, muitos professores e pais pensam também que tem uma idade certa para começar a respeitar os outros. Então pergunto: mas será que tem uma idade certa para se aprender a respeitar? Todos não têm o direito de ser respeitados?

Outro fato que está acontecendo é que as professoras estão confundindo raça com etnia, pois, conforme já mencionado, raça significa “[...] a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoas que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum.”(MUNANGA, p. 01, 2003) e etnia “[...] é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território” (MUNANGA, p. 01, 2003). Como pode-se perceber há confusão nas falas das entrevistadas com esse conceito,

(...) Na sala se encontra crianças é [...] de diversas etnias. Não chegando a indígenas, mas enfim, a gente sabe que a diversidade na sala de aula é tamanha, então, é importante para eles saberem que existe essa diversidade, mas nem por isso ninguém é diferente de ninguém. **Professora A3** [em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

Há você é faz com que os alunos se respeitem mais, não é? Conheça a diversidade suas origens, se você for trabalhar direitinho. Porque quando a gente vai falar em história do Brasil, você vai falar em raça, [...] hoje você não usa mais isso, [...] é etnia, muitos termos foram mudados e a partir daí você vai trabalhando (...) **Professora B3** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Nessas falas, as professoras A3 e B3 fazem diferença entre raça e etnia, pois o Brasil é um país multicultural, então todas as pessoas possuem características de diversas culturas, não apenas de uma, mesmo que não tenham nenhuma relação de parentesco entre si. Além da constatação a olho nu, a conformação desta diversidade de cultura está nos PCNs ao dizer

que: “[...] o Brasil é um país rico em diversidade étnica e cultural, plural em sua identidade: é índio, afrodescendente, imigrante, é urbano, sertanejo, caçara, caipira (BRASIL, 1997, p.15).

Portanto, fica claro nas falas das professoras quando estão se referindo a raça e etnia estão na verdade falando sobre racialização, o que segundo Banton (2000, p. 457 *apud* KAERCHER, 2010, p. 01), significa : “O [...] processo ou situação em que a ideia de raça é introduzida para definir e qualificar uma população específica, suas características e suas ações” ou seja, este termo é usado para definir ou qualificar um determinado povo, principalmente suas características e ações que só pertencem a eles.

No que se refere à fala da professora B3, ao falar em raça e etnia, a mesma não sabe que a Biologia derrubou a expressão raça, passando a existir apenas a raça humana, não existe mais a raça branca, negra, amarela ou vermelha, pois no corpo de qualquer pessoa tem sangue de várias outras raças, além da sua ancestralidade, não existe mais a raça pura, mas sociologicamente ainda mantém-se a discussão sobre raça, por que a sociedade em sobretudo, a polícia devido ao preconceito sabem que é preto!

Então, não basta ter bom senso como fator de trabalho, os professores precisam trabalhar a temática diversidade cultural em sala de aula, como também precisam fazer estudos direcionados ao tema para que se atualizem e assim adquiram o conhecimento necessário para que seu trabalho ser desenvolvido na sua sala de aula e para um bom aprendizado dos seus alunos, pois o fato dele não discriminar o aluno em sala de aula, não quer dizer que ele não tenha preconceito, então o professor precisa fazer um trabalho de qualidade em relação à diversidade cultural, com qualquer outro assunto.

As escolas não tem o conhecimento constituído, por que as professoras não trabalham com a temática e quando trabalhar é em apenas um dia, um fato isolado no ano, por ter feito algum projeto onde pode ser abordado o tema superficialmente, podemos comprovar isso nas falas dos sujeitos entrevistados:

Na escola em geral através de projetos que elaboramos e aplicamos, onde levamos os alunos a refletirem sobre as manifestações culturais e a importância das diversas culturas para a formação do povo brasileiro e na sala de aula através de debates, pesquisas, vídeos, etc. **Professora A1** [em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Não. A gente não tem ainda, um trabalho sistematizado, em relação a essa temática, nas nossas salas não. **Professora A2**[em entrevista concedida no dia 06/06/2014].

Bom, na escola vou confessar, é muito pouco trabalhado. A gente trabalha de acordo com a diversidade [SIC] que acontece em sala de aula. Não em

específico, a gente sentar e planejar sobre esse tema. A gente trabalha de acordo com o que acontece em sala de aula (...) **Professora A3** [em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

Porque desde [1993] que existe esse projeto e muitos livros chegaram na escola pública no Estado e quase ninguém trabalhou, ficou armazenado e eu consegui como eu gosto de “catar as coisas” e a gente sempre trabalhar, também a questão indígena e o MEC manda para a biblioteca da escola vários livros, né?! (...) literatura nessa temática, contos africanos de todos as partes da África, contos indígenas, artista é (...) autores indígenas (...) certo? (...) **Professora B3** [Em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Nas palavras das entrevistas não fica dúvidas sobre a deficiência do trabalho com a diversidade na escola, pois mesmo como cita a professora A3, que na sua sala de aula há momento que precisa trabalhar a diversidade ou “adiversidade”, pois, a mesma não tem muita apropriação do termo diversidade mesmo assim, a escola ainda não tem um trabalho concreto com a temática, como também os professores não têm focado, o trabalho com este tema nas suas salas de aula.

E quando realiza, é apenas como folclorização, ou seja, são de modo estandardizado, até mesmo, por vezes estereotipado, nos quais se constroem equivocadamente a imagem do negro distorcida, como por exemplo, vestir a criança como escravo, pintar as crianças de preto, fazer correntes de papel madeira, isso não é trabalhar com a diversidade cultural na escola ou na sala de aula, é uma folclorização da cultura, ou até mesmo em festas cívicas, que são as comemorações que a escola faz em determinadas datas, como por exemplo, o dia da consciência negra, esse é o único dia do ano em que se trabalha a cultura negra, até por que não dá para trabalhar a cultura negra tão somente dentro da sala de aula, através da transposição do conteúdo programático, isso até pode acontecer e dever, mas também existe outras frentes em que são necessárias transferências de ação para o PPP, em experiências pedagógicas, para projetos de trabalho, para pesquisas, entre outros.

Mesmo com a deficiência no trabalho com a diversidade cultural, as professoras dizem que sempre buscam trabalhar da melhor forma possível, pois as dificuldades e desafios que elas encontram são enormes e que utilizam diversos métodos com seus alunos para trazerem para sala de aula o trabalho com a diversidade, mas que o principal deles é o diálogo. Isto está expresso nas palavras das entrevistadas ao dizer que:

Através de discussões em sala, apreciação de vídeos (filmes, documentários). **Professora A1** [em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Ainda creio que só através do diálogo. [...] Às vezes quando o próprio livro didático traz alguma temática nesse sentido. Alguns projetos que a gente desenvolve na escola que dá para focar um pouquinho dessa questão dessa diversidade se trabalhar através do diálogo (...) com a turma. **Professora A2** [em entrevista concedida no dia 06/06/2014].

Bom. De que forma? Nós tentamos trabalhar muito através do diálogo, muito através de (...) de atitudes, né?! Onde mostra a criança que (...) tem que ter respeito. **Professora A3** [Em entrevista concedida no dia 09/06/2014]

Mais na parte da orientação. A gente procura orientar muito os alunos, às vezes a gente ler textos relacionadas ao tema. Quando surgem algum contratempo na sala de aula, a gente aproveita essa parte já pra falar sobre o assunto, dá exemplo da vida, explicar que o preconceito não leva a nada e que cada pessoa tem seu jeito de ser, (...) mas na parte de orientação, né?! **Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Trabalhando os valores, né?! (...) para que o preconceito não exista dentro da escola, aqui é muito trabalhada a questão dos valores. O desafio é trabalhar a própria criança neste contexto, né?! (...) trabalhar a diversidade fazendo com que a criança seja interagida (...) **Professora B4** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

As professoras destacam em suas falas que trabalham a diversidade através do diálogo, no entanto, cabe destacar que a concepção de diálogo que essas tem é representado apenas pelo ato da fala delas mesmas, porém, o diálogo vai muito além disso. Para Freire (1987, p. 45) o diálogo é: “(...) encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Então, o diálogo, não está apenas na relação entre as pessoas, está também na mediação de mundo concebida pelas pessoas. Vale destacar que, essa concepção de diálogo não é exclusividade das minhas entrevistadas, a práxis de muitos professores tem sido de fato nesta direção.

A professora B2 cita em sua fala que o preconceito não leva a nada, mas a mesma não diz pra quem, se para o agressor que não sofrer com o seu racismo que pratica com o outro ou o agredido que sofrer e em muitos casos não conta com o apoio da escola e nem dos professores e acabam evadindo-se da escola por não suportar o preconceito e a discriminação que sofrer diariamente dentro da instituição.

Algumas professoras falam que trabalham a temática em sala de aula e que contam com o apoio de todos que formam a escola para conscientizar os alunos que não devem discriminar os seus colegas por serem de traços identitários diferenciados dentro da mesma cultura, mas elas precisam entender que só as falas delas em sala de aula não conscientizam ninguém. De acordo com as professoras,

Sim. Através da sensibilização e conscientização de todos que fazem a nossa escola. **Professora B1**[em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Tem bastante. A gente sempre visa este ponto. A gente trabalha de forma bem diversificada. A gente trabalha com textos, trabalha com filmes, trabalha com produções textuais, é (...) faz peças, músicas, procura trabalhar de diversas formas assim super-diversificada (...) **Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Tem sim. Com brincadeira, com jogos, com diversas produções textuais que nos ajuda bastante. **Professora B4** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

As professoras têm pouca apropriação do que é trabalhar com a diversidade cultural em sala de aula, pois conforme Freire (1987) sabe-se que ninguém conscientiza ninguém, elas precisam saber que seu trabalho é sensibilizar os alunos acerca do porquê de não discriminar os seus colegas e não tentar conscientizar de modo inculcador sobre o assunto.

O fato é que as professoras estão tendo uma compreensão equivocada sobre conscientização, pois não é apenas conversando em sala de aula, que os alunos vão minimizar o preconceito, necessita de um trabalho mais minucioso com os alunos para que venham a amenizar o preconceito, pois infelizmente não tem como erradicá-lo totalmente das escolas e da sociedade no geral, mas tem como amenizar este problema.

Há uma contradição nas falas das professoras entrevistadas, pois elas falam que trabalham com a diversidade em sala de aula e que contam com o apoio as escolas em que trabalham, mais as mesmas afirmam que as escolas não fazem um trabalho voltado para a temática em específico e uma delas confirma que o tipo de trabalho realizado com este tema na escola é folclorizado⁵, ao dizer que trabalhar com a diversidade através de projetos, datas cívicas, entre outras. Podemos verificar isso nas palavras das mesmas

Não. Um projeto com esse tema não, mas ele está presente em outros projetos, como datas comemorativas (folclore, festas juninas). **Professora A1**[em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Não. Não fizemos nenhum projeto ainda. **Professora A2** [em entrevista concedida no dia 06/06/2014].

Especificamente esse tema ainda não foi desenvolvido. **Professora A3** [em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

⁵ Na perspectiva da standardização, quando se isola o trabalho com a cultura negra, ou demais culturas, trabalhando apenas nas datas cívicas.

Mas o fato mais preocupante é de que, além dessas professoras não trabalharem com a diversidade ou trabalharem de forma inadequada, algumas práticas que as mesmas estão utilizando, está sendo uma prática ainda discriminatória e não de igualdade como alguns dizem, pois segundo Marques (s/d, p.03): “As práticas educativas que se pretendem iguais para todos, muitas vezes, acabam sendo discriminatórias, pois, dependendo da teoria, da prática apresentada, em prol do discurso da equidade, pode-se incorrer no erro da homogeneização, em desrespeito às diferenças”.

O autor deixa claro que algumas práticas educativas que alguns professores utilizam em sala de aula, em que se pretende igualdade para todos, acabam se tornando uma forma de discriminação e de falta de respeito com a diferença existente na sala de aula, pois o professor tem que entender que as diferenças culturais, contradições, tensões, os movimentos de reclames ou de organizações sempre vão existir e não tem como isso ser mudado, pois sempre vai existir a diferença e para conviver com o mesmo é preciso o diálogo, a compreensão, o respeito mútuo entre as pessoas.

Como também, precisamos parar de tratar igual, os desiguais, então, todos precisam entender que é para dá menos a quem precisa de menos e dá mais a quem precisa de mais, conforme estabelece o princípio de equidade.

As professoras entrevistadas, no geral, também não têm o conhecimento sobre as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que são de fundamental importância para a inclusão do trabalho com a diversidade cultural na escola, pois é obrigatório trabalhar a cultura afrodescendente e indígena na mesma, mas como elas vão trabalhar algo que não tem conhecimento ou conhecem pouco? como fica claro nas palavras das mesmas a deficiência que têm em relação a este assunto.

Tenho conhecimento da 10.639 e chegou a mim é (...) pela própria procura. Eu por ser da área da educação tá buscando conhecer essas leis e também sou muito (...) é (...) focada, interessada na parte legal de fundamento da educação. **Professora A2** [em entrevista concedida no dia 06/06/2014].

Bom. Eu tenho conhecimento da 2003, que é sobre afrodescendente, essa de 2008, eu não tô muito a par e veio sobre essa de 10.639/2003, nós tivemos, nós professores tivemos uma formação específica, em cima dela. **Professora A3** [em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

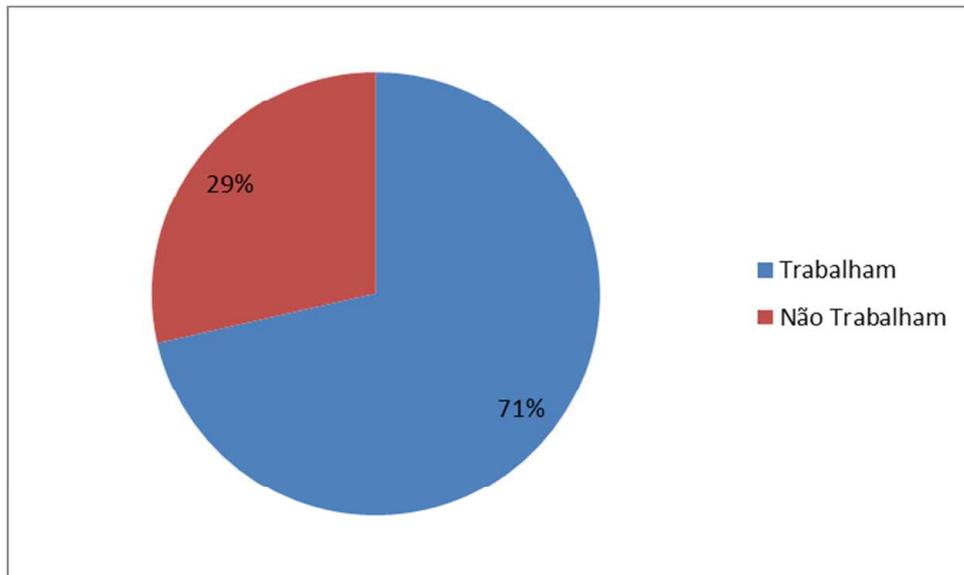
Sim. Conheço através das mídias. **Professora B1** [em entrevista concedida no dia 30/05/2014].

Não. Eu não tenho conhecimento a fundo, apenas sei (...) pouquinho coisa, mas conhecer bastante assim, a fundo, bem não, não tenho. Através da

formação continuada. **Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Como podemos perceber nas palavras das entrevistadas, o conhecimento que elas têm sobre o assunto é um conhecimento solitário ou isolado, pois 71% das professoras entrevistadas trabalham com a diversidade cultural em sala de aula e esse conhecimento foi através da procura individual ou através da mídia que obtiveram o pouco de informação que possui sobre o assunto, como representado no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Quantidade de Professores que trabalham com a diversidade cultural



Fonte: Material elaborado pela pesquisadora -2014.

Este gráfico mostra a porcentagem de professores que trabalham com a diversidade cultural em sala de aula, mesmo este trabalho sendo insuficiente, muitas vezes folclorizado, elas tentam de alguma forma buscar desenvolver e promover a inclusão da diversidade cultural no seu ambiente de trabalho.

A escola é o lugar onde se encontra uma grande quantidade de culturas, e, portanto, encontram-se concentrados o preconceito e a discriminação e isso está nas palavras de Oliveira (2001, p. 03) “A escola é o espaço onde se encontra a maior diversidade cultural e também é o local mais discriminador.” Não poderia ser diferente, a escola é um microuniverso da sociedade em suas estruturas de funcionamento, então se concentra uma grande quantidade de diversidade cultural e uma diversidade de pessoas com pensamentos, gostos e formas de viver diferente e algumas não aceitam a existência de algo ou alguém que seja diferente de si mesma.

E algumas professoras deixam claro a existência deste preconceito e discriminação nas escolas e que alguns alunos sofrem com isso. Isto fica expresso nas palavras das entrevistadas

Há discriminação em relação à cor da pele, situação social, física (se for gordo). De vez em quando acontecem conflitos (discussões). **Professora A1** [em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Bom, decorrem muitas vezes, questões de apelidos (...). A gente tenta amenizar isso, tenta mostrar, tenta falar sobre (...) a questão do respeito, sobre (...) como eu disse, as diferenças, mas que essas diferenças não influenciam na educação, não pode influenciar no respeito. **Professora A3** [em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

Cor, sexo, opção sexual em sala de aula. **Professora B1** [em entrevista concedida no dia 30/05/2014].

Homossexualidade. É até mais que, o racismo. Mulher, eu vou falar pela minha turma do terceiro ano (...), às vezes só a criança já ter um “trejeito diferente”, “viado”, não sei o que! É obrigado a gente tá rebatendo direto, explicando, conversando, o que torna mais difícil assim. Porque muitas vezes se tratam de crianças de sete, oito anos para você trata esse tema a fundo com a criança, você tem que ter muito cuidado no que você vai falar, aí de certa forma torna-se complicado, né?! **Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

(...) sempre tem na escola, (...) o racismo sempre prevalece isso daí. Sempre assim, reflete na cor da criança, né?! (...) **Professora B4** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014]

Nas falas das professoras fica evidenciado a existência de discriminação na escola e que alguns alunos sofrem com o racismo ou simplesmente por serem diferentes do padrão impostos pela mídia, mas essa não é a única forma de discriminação e preconceito que estão presentes na escola. O fato de serem de situação financeira inferior aos demais, sexo e opção sexual, também estão ocasionando preconceito e discriminação dentro da escola e outro fato que chamou a atenção é que a professora B4 trata o racismo que está presente na escola, como algo natural, pois ela não demonstra na sua fala, qualquer tipo de preocupação com esse racismo, como algo inexorável.

Uma das professoras fala que os procedimentos que ela usa com seus alunos não são para superar a discriminação e o preconceito, mas apenas para amenizar esta situação que acontece nos pátios da escola, dentro da própria sala de aula e que as diferenças existentes não pode influenciar na educação. Então fica claro que vivemos em uma sociedade de aparências e para que sejamos aceitos, temos que estar de acordo com as regras impostas pelas mesmas.

Vivemos em uma sociedade machista, em que os homens têm mais espaço do que as mulheres, mesmo elas sendo a maioria da população e ocupando cargos importante para o desenvolvimento do país, sociedade em que todas pessoas têm que ser branca, heterossexual e ocidental e a escola é o espaço onde tudo isso está concentrado, onde todas as formas de preconceito e discriminação se manifestam com mais intensidade, é o ponto de ebulição, pois a mesma concentra diversas culturas em um mesmo lugar, conforme discutido acima.

Outro ponto importante desta discussão é o que as professoras entrevistadas, pouco participaram de formação continuada nesta temática, pois nas falas delas constatou-se que pouco existe trabalhos voltados para formação de professores nesta área, pois as mesmas alegam que as formações são poucas e terminam rápido, como também algumas nunca participaram destas formações. Podemos verificar isto nas seguintes falas.

Só participei até o momento em relação as deficiências (...) aceitação da diversidade em relação as deficiência, a inclusão. **Professora A2** [em entrevista concedida no dia 06/06/2014].

Bom. Tivemos a formação continuada de curtíssimo prazo, com a professora da universidade (UFCG) [...] **Professora A3** [em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

Não. Nunca participei. **Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Sim. A gente já participou de formação. A secretária de educação, já fez é (...) nos deu essa formação, através de professores da universidade (UFCG). **Professora B3** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Então, além das dificuldades e os desafios do trabalho com diversidade cultural, a falta de estrutura das escolas para trabalhar com as diversas culturas, a formação continuada que é essencial para o trabalho do professor em sala de aula, é insuficiente, para as entrevistadas assim torna-se mais difícil o trabalho do professor e a continuação dos alunos que sofrem preconceito e discriminação em sala de aula permaneçam na escola.

As professoras não veem como uma discussão de inclusão, a Lei 10.639/2003, pois para as mesmas só é inclusão o fato de as pessoas com necessidades educacionais especiais, terem acesso à escola regular, mas será que os negros e as demais culturas não tem o mesmo direito de acesso que os demais?

Em meio a tantas dificuldades que essas professoras encontram, elas afirmam que gostam de trabalhar com a diversidade cultural em suas salas de aula e falam da importância deste trabalho. Podemos perceber isto nas falas a seguir.

Sim. Por que considero um tema importante. **Professora A1** [em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Sim. Pois, quando se trabalha cultura, trabalha o homem. **Professora B1** [em entrevista concedida no dia 30/05/2014].

Gosto. Sempre (...) incluo nas minhas atividades. **Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Porque é interessante faz parte da formação como um todo, faz parte do conhecimento geral, do mundo atual. Você não pode ficar fora. Porque esse conhecimento, da diversidade é prévio, lá fora o aluno. Já tem esse conhecimento, da diversidade, tá presente, internalizado na cabeça dele, na vivência, no cotidiano, na família, na rua, então é preciso sistematizar na escola. **Professora B3** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Gosto. Porque isso engrandece o professor como profissional, melhora também o trabalho da gente com o aluno. **Professora B4** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014]

As professoras demonstram em suas falas que trabalham a diversidade cultural em suas salas de aula, que gostam do tema e que para elas é importante trabalhar a temática com seus educandos considerando que este conhecimento é essencial para a formação do indivíduo, pois está na vivência, no cotidiano, na família, na rua, por todas as partes, então precisa ser trabalhado em sala de aula, pois é nela que está concentrada uma grande diversidade cultural. E, como uma ressalta, ajuda no trabalho e na relação professor-aluno.

Mas pôde-se perceber na fala de algumas professoras o preconceito por parte delas mesmas, pois conscientes ou inconscientes, elas têm preconceito e discriminação com seus alunos e não os aceitam como realmente são, ou seja, não aceitam a diferença.

[...] mostra a criança que (...) tem que ter respeito. Que existe essa diversidade, mas a gente tem que conviver com ela. Porque isso não influencia na nossa vida, não deve influenciar na nossa vida. **Professora A3** [em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

[...] os adultos, ou até mesmo os colegas de trabalho, a gente ver, as vezes até neles mesmos um pontinho de preconceito. Ai como é que você vai trabalhar um assunto se muitas vezes você mesmo tem preconceito em relação aqueles assuntos? **Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014].

Não há dúvidas que algumas professoras têm algum preconceito para com seus alunos, pois as mesmas em suas falas demonstram esse preconceito, ao dizer que temos que respeitar a diversidade e conviver com ela, mas que não devemos “deixá-la influenciar nas nossas

vidas”, isto é uma forma explícita de preconceito, pois não tem como separar, se todos nós somos quem formamos essa diversidade e está incluída na nossa vida diariamente e não tem como não influenciar, se a diversidade está por todas as partes da escola e da sociedade.

A professora A3 demonstrar seu preconceito de forma inconsciente ou até mesmo um equívoco ao dizer que a gente tem que conviver com a diversidade, como se fosse algo que a mesma tolere em sala de aula e no seu cotidiano, mas como algo obrigatório e não como quem merece o devido respeito e consideração em virtude do seu contexto histórico.

O preconceito sempre existirá, pois é algo da subjetividade e das crenças de cada um, mas devemos ter a consciência de que, não pode haver discriminação e racialização, pois todos nós temos sangue de diversas raças, não existe uma raça pura, a qual não tenha sido influenciado por uma outra cultura ou não tenha ancestralidade de uma outra raça, se no Brasil como em qualquer outro país, aconteceu a mistura de raças e culturas.

As professoras têm consciência da dificuldade de se trabalhar com a diversidade cultural sabendo que muitos são os desafios para se trabalhar em sala de aula com os seus alunos, já que existem preconceito e discriminação no que se refere a este assunto, uma vez que as próprias professoras são preconceituosas e acham que não tem resultados satisfatórios em trabalhar com o assunto e algumas encontram desculpas para não trabalhar o tema em sala de aula e como está expresso em suas palavras,

Não vejo dificuldade em trabalhar, mas o resultado do trabalho é lento. **Professora A1**[em entrevista concedida no dia 04/06/2014].

Primeiro como eu disse, a questão do material, do conhecer. Não podemos trabalhar uma coisa que a gente ainda não tem conhecimento. Então, primeiro deveríamos ter muito material pra leitura, pra estudo, pra depois tenta passa ... transformada em atividades pedagógicas, projetos, pra depois ser passada [...]**Professora A3**[em entrevista concedida no dia 09/06/2014].

Falta de acervo e falta de incentivo financeiro. **Professora B1**[em entrevista concedida no dia 30/05/2014].

Estas professoras se utilizam de vários motivos para dizer que não trabalham com a diversidade, ou até mesmo expressar seu preconceito de forma inconsciente, pois ao dizer que não ver resultados em trabalhar com a temática, é apenas uma forma de dizer que não trabalha ou não gosta de trabalhar, como também o fato de não ter material, é a mesma coisa de não ter interesse, pois os meios de comunicação, a internet, entre outras fontes estão aí. O que necessita é que haja interesse das mesmas para que as informações sejam apreendidas e

colocadas em prática. Na fala de uma das professoras é enfatizado que para se trabalhar depende do interesse de cada uma. Isto está claro nas seguintes assertivas.

Na realidade (...) é trabalhar esse tema na escola pública ou em qualquer outra escola, (...) não depende de material, depende simplesmente de você querer. Porque (...) abre-se um leque de oportunidades, então o primeiro passo tem que sair de você. Você tem que não se pegar com preconceito em relação a esse tema e ler bastante, né?! (...) a respeito do assunto para você poder abordar as questões e tá, (...) pelo menos, (...) parcialmente preparado para responder qualquer pergunta que os alunos possam fazer e tenta também trabalhar de forma divertida para que eles possam ir se adequando ao tema e também conhecer né?! (...) as formas de preconceito e de diversidade cultural e respeitar, né?! (...), além de tudo tem que passar a respeitar [...]**Professora B2** [em entrevista concedida no dia 29/05/2014]

A professora deixa claro que para trabalhar com o tema precisa de interesse e dedicação dos professores, como também, precisa deixar o preconceito de lado, enfatizam que existe preconceito por parte dos professores, precisa respeitar a diferença existente em sala de aula e procurar a melhor metodologia para se trabalhar com a temática com os seus alunos.

O desafio para em prol do trabalho com a educação étnico-racial e ter a sala de aula, e contar com a sala de aula, mas também, é preciso sair da mesma, com o projeto político pedagógico, ações interdisciplinares, ações e implementações de experiências pedagógicas, contextualização do conteúdo programático, trabalho com temas transversais, interação escola, família e comunidade, pesquisas, contação de história, filmes e debates sobre o assunto, projetos vinculados a transposição do conteúdo programático, estratégias dentro da sala de aula que gere discussão sobre preconceito e discriminação, no intuito de que a partir de tudo que foi citado, possamos ter uma aula e um aprendizado, voltado para o trabalho com a educação étnico-racial e com a diversidade cultural.

CAPÍTULO 3 – REFLEXÕES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE AÇÕES EDUCATIVAS LIGADA ÀS QUESTÕES RELACIONADAS À DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

A importância de analisar o PPP das escolas pesquisadas, dá-se pelo fato de que o referido documento é uma projeção para o futuro, então, por isso resolveu-se analisá-lo, pois mesmo que as escolas não estejam trabalhando com a diversidade cultural, através do referido documento, dá para perceber se a mesma tem intenções objetivadas ou não de trabalhar com o assunto tão atual nos dias de hoje, pois a diversidade está por todos os lados, dentro e fora da escola. Ao final deste estudo monográfico, encontra-se cópias dos PPPs nos anexos para consultas.

Sabe-se que PPP (Projeto Político Pedagógico) é um documento elaborado pela escola para facilitar e organizar as atividades, ou seja, metas e ações que irão colaborar para uma melhoria no funcionamento da mesma. Portanto, o PPP é “o plano global da escola, um instrumento teórico-metodológico para intervenção e mudança da realidade sua construção deverá permitir o encontro, a reflexão, a ação sobre a realidade numa práxis libertadora” (Vasconcellos, s/d, p.01)

A escolha do PPP como elemento estrutural de análise documental, foi por que ele é um plano geral de tudo o que a escola pretender fazer, como por exemplo, os projetos que a mesma está desenvolvendo, as metas e ações que pretende atingir, as mudanças que irão ocorrer, os conteúdos com que a instituição está trabalhando e a partir daí, verificar se de fato a escola está trabalhando com conteúdos direcionados ao trabalho com a diversidade cultural.

Até o final de 2008, todas as escolas da rede Municipal de ensino, tiveram que elaborar ou reelaborar seu Projeto Político Pedagógico, assegurados nas Leis 9.394/1996 e 11.274/2006, assim respeitando os princípios de pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, garantindo às participação da comunidade (VASCONCELLOS, s/d).

Isto posto ao analisar o PPP da *escola A*, na circunscrição da temática de diversidade cultural, constante que logo na apresentação do referido documento o mesmo faz referência ao preconceito, no sentido em que a sociedade na qual vivemos apresenta características de dificuldades em relação à convivência com as relações humanas, assim está tornando difícil as relações interpessoais e o preconceito é uma destas características, pois a sociedade é preconceituosa e excludente, dificultando o convívio das pessoas, pois não há como ter uma relação mais humanizada diante do preconceito.

O PPP define a instituição como promotora de saber e uma das grandes responsáveis pela transformação social, possuindo organizações próprias, que são importantes para atingir os objetivos propostos no documento.

Volta a citar a cultura na justificativa, ao falar que considera o contexto sócio-político-cultural e que a educação do município, assim como a educação brasileira enfrenta desafios de caráter político, social e econômico, necessitando de inovações pedagógicas para atender às necessidades das crianças e jovens de hoje e que essas práticas pedagógicas sirvam para que os mesmos construam o conhecimento através de suas capacidades, expressando livremente suas ideias e participando ativamente das tarefas de ensino e se desenvolvem como cidadão nas suas diferenças.

A filosofia da escola A se propõe a uma escola moderna, inclusiva, renovadora, prática, democrática e, sobretudo, humana, pautada principalmente nos pilares da educação e focando o saber ser e saber conviver com o outro, despertando nos alunos o valor do respeito pelo outro, para que com isso, respeite e sejam respeitados. E, com essa filosofia, os alunos são motivados a se tornarem sujeitos de sua própria história e a construir uma sociedade mais justa, igualitária, inclusiva e fraterna.

Fica evidenciada que a função social da escola é a ascensão social do indivíduo de fato e os seus objetivos que de acordo com Projeto Político Pedagógico (2011, p. 11):

Proporcionar ao aluno um ambiente favorável, para que ele se reconheça como pessoa humana, cheio de potencialidades; Oferecer condições ao aluno para que ele seja capaz de participar das atividades culturais e populares, respeitando a cultura de cada povo, valorizando sua raça, costumes e tradições; Identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade educacionais especiais, através da parceria do professor da sala de aula comum e do Atendimento Educacional Especializado-AEE; Incentivar o aluno a perceber as diferenças sociais, levando-a a uma percepção crítica social, de modo a colocar-se na condição de um indivíduo ativo, que pode transformar a sociedade em que vive; Aprimorar a leitura do mundo, que tem o aluno, para que a partir dela aproprie-se da aprendizagem forma e informal; Preparar o aluno para participar efetivamente na sociedade, fazendo com que ele se perceba como cidadão, exercendo seus direitos e cumprindo seus deveres.

Os objetivos estratégicos deste PPP, é promover uma aprendizagem significativa e buscar uma aprendizagem, no qual o sujeito seja o construtor do seu próprio conhecimento, como também deixa claro que o foco da escola, é preparar os alunos para atuarem na sociedade de forma crítica e consciente.

Na fundamentação teórica do PPP, vem uma citação dizendo que a integração do indivíduo na sociedade e ao grupo social em que vive, ocorre através do patrimônio cultural no qual ele nasce, então, não resta dúvidas de que, o indivíduo se integra a sociedade e ao grupo social, ao qual pertence pela cultura, que influencia na sua identidade.

A escola não faz muita referência no documento sobre a cultura, pois seu foco é o diagnóstico das condições de ensino e aprendizagem, os resultados da avaliação escolar, as condições de infraestrutura e didático pedagógica, as condições de trabalho de todos que formam a escola, a relação escola comunidade, as questões que interferem na fazer pedagógico da escola, os recursos financeiros e pedagógicos, entre outros. Considera também, a cultura como importante, para o meio no qual vive, não faz referência a cultura indígena, enquanto a cultura afrodescendente é várias vezes citada, como também, as leis que asseguram os direitos dos afrodescendentes e a cultura popular não é mencionada em momento nenhum.

Com o intuito de atender os objetivos de aperfeiçoar a cultura e os conhecimentos acumulados pela humanidade, a educação através da escola utiliza de meios para alcançar seus objetivos como: instalações adequadas, currículos e programas planejados para cada nível e etapa de ensino, propostas pedagógicas baseadas em princípios filosóficos, métodos e materiais adequados ao desenvolvimento das várias disciplinas e professores especializados responsáveis diretos pela mediação do conhecimento.

Está presente no PPP da escola A, as leis 9.394/1996 e 10.639/2003, não estão na íntegra, mas tem um tópico no documento que fala alguns pontos que consta nelas, como a que estabelece nas diretrizes curriculares a obrigatoriedade do ensino de história da África e dos africanos, com o intuito de resgatar as contribuições dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. Além do combate ao racismo, a desigualdade social, procurando reeducar os educandos para o respeito as diferentes etnias e despertar nos negros o valor que o seu povo e sua cultura possuem. Mesmo assim as professoras que compõem o corpo docente da escola e que foram entrevistadas afirmam não conhecer as referidas Leis e algumas professoras dizem que a escola não tem um trabalho sistemático sobre o assunto.

As professoras ao afirmarem, que não têm conhecimento sobre as leis, ou dizem que a escola não tem um trabalho sistemático com as mesmas, demonstram que o trabalho com a diversidade cultural e com as leis estão apenas no papel, pois como pode o PPP conte-las e os professoras falarem que não conhecem e mencionarem ainda, que a escola não trabalha com a temática e principalmente, sabendo que é obrigatório em todas as escolas, o trabalho com a

cultura afrodescendente e a cultura indígena. Isto só vem afirmar que as escolas não trabalham com as leis e as mesmas estão no PPP da escola pela obrigatoriedade.

O componente curricular da disciplina de História da escola, além de uma estratégia de transposição do conhecimento histórico-escolar, visa também o combate ao racismo, a desigualdade social, reeducando os educandos para o respeito com as diferentes etnias, como também despertar nos alunos negros o valor que possuem como cultura e história do povo brasileiro, os conteúdos e as metodologias também são direcionadas para o combate ao racismo e a discriminação, tentando superar a visão de mundo que foram deixados aqui pelos europeus que colonizaram o nosso país, de que existe um grupo étnico mais importante que os demais.

O PPP da escola A, leva também em consideração os temas transversais: meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, sexualidade e ética, que está integrada aos componentes curriculares da escola através da transdisciplinaridade, que faz a ligação entre as áreas de conhecimentos, com os temas transversais estabelecidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PNCs).

Mas ao analisar os conteúdos trabalhados na disciplina de História de todas as turmas, percebeu-se que não são conteúdos que visam combater o preconceito e a discriminação, pois poucos fazem ligação direta com os assuntos da cultura afrodescendente, como também não são transdisciplinaridade, pois os demais conteúdos de outras disciplinas, também não fazem referência a estes conteúdos direcionados a cultura afro-brasileira.

Ao analisar no geral o PPP da escola A, pode-se perceber que o referido documento faz referência a cultura afrodescendente e que cita as Leis que asseguram o direito do povo afro-brasileiro, mas seus conteúdos ainda não são direcionados para a cultura afro-brasileira, nem tão pouco os projetos que a escola trabalha, pois eles são folclorizado, ou seja, trabalham apenas em um dia, por que é uma data cívica e não pelo fato de que os professores querem que os alunos aprendam a respeitar outras culturas além da sua.

Os conteúdos não são direcionados para o combate ao racismo, preconceito e discriminação como várias vezes vem sendo citado neste documento, então, o pouco que está sendo citado sobre a diversidade cultural, apenas está no PPP, mas na prática deixa dúvidas, pois algumas professoras nem mesmo tem conhecimento sobre as Leis e umas das professoras deixa claro que único trabalho com a diversidade que acontece na escola, é com a diversidade direcionadas as questões da inclusão de alunos com deficiência, isto está evidenciado nas suas palavras,

(...)A gente está sempre debatendo, discutindo e procurando desenvolver o trabalho em relação as deficiências. Essa diversidade da deficiência, da inclusão desse aluno com deficiência na sala regular, então isso devido a demanda. A gente tem realmente trabalhado bastante nesse sentido, mas as demais né? ... os tipos de diversidade digamos assim, ainda não. **Professora A2** [em entrevista concedida no dia 06/06/2014].

Então não há dúvidas que as escolas tem em seu PPP, pontos direcionados ao trabalho com a diversidade cultural e as leis que asseguram os direitos dos mesmos, mas não realizam o trabalho no dia a dia da escola, apenas fazer comemorações em datas cívicas, pois a mesma professora diz que não há projetos para o trabalho com a diversidade cultural. Podemos perceber isso quando ela diz:

Às vezes quando o próprio livro didático traz alguma temática nesse sentido. Alguns projeto que a gente desenvolve na escola que dá para foca um pouquinho dessa questão dessa diversidade se trabalha através do diálogo com a turma. **Professora A2** [em entrevista concedida no dia 06/06/2014].

Então, diante da fala desta professora fica claro que a escola trabalha com a folclorização e não com a diversidade cultural. E que o trabalho só acontece de forma folclorizada, quando de alguma forma vem no livro didático ou é desenvolvido na escola em um projeto que dá para ser trabalhado alguma coisa relacionada a diversidade cultural.

Analisado o PPP da **Escola B**, verificou-se na justificativa, que o mesmo foi elaborado através de um diagnóstico de problemas e desafios a serem superados pelos objetivos, metas e ações e que serão trabalhados pelos professores de forma coletiva, possibilitando a melhoria da qualidade social do ensino e aprendizagem com a inclusão das diferenças culturais, físicas e emocionais, com a perspectiva de atender aos objetivos dos níveis e modalidades de ensino que funcionam na escola, como também, visa através do seu processo educativo construir um trabalho voltado para a formação de cidadãos críticos, mais justos e solidários.

A escola visa também o educando, de forma dinâmica e centrada no mesmo, que é sujeito da aprendizagem, assim assegurando o direito de igualdade de acesso e permanência na escola com sucesso e alcançado os objetivos desejados, procurando eliminar a evasão escolar com os alunos.

O PPP, em momento nenhum, traz uma discussão consistente sobre cultura, então como é que esses professores querem discutir diversidade cultural, pluralidade cultural, sem ter sido consensualizado isto neste documento, sem uma dimensão de cultura, mesmo em nível de projeção na escola, apenas em um dos seus objetivos específicos faz referência a

cultura, citando que a escola tem que se abrir para as diferenças e fazer estudos sobre as culturas étnicas raciais e indígenas.

Durante a análise percebeu-se que pouco é referenciado sobre a cultura indígena, apenas em um dos objetivos específicos do PPP, foi mencionado sobre o assunto, mesmo a escola considerando importante reconhecer todas as culturas independente de qual seja, ou se a mesma contribuiu ou vai contribuir de alguma forma para a sociedade, mas com relação a cultura popular é um pouco mais referenciada, principalmente nas ações de desenvolvimento de projetos, pois são realizados eventos que envolvem a cultura local, mesmo ainda de forma folclorizada, como por exemplo, comemorações de datas cívicas, entre outros. A cultura afrodescendente também é citada no documento, mas não é muito aprofundado o assunto.

O PPP dessa escola, busca ultrapassar os seus muros, ou seja, para fazer parcerias necessárias para a compreensão da realidade na qual está inserida, construindo diálogos e saberes científicos, associando os mesmos aos saberes que os alunos adquirem no cotidiano, mas acaba tendo uma visão distorcida da realidade, pois o mesmo considera que a escola é o lugar de diferentes linguagens, que são ferramentas necessárias para que o aluno se aproprie do conhecimento em relação a leitura, da escrita e ao cálculo matemático para a continuação dos estudos, desconsiderando o desenvolvimento motor, cognitivo, intelectual e emocional dos mesmos, pois a criança precisa mais do que saber ler, escrever e fazer cálculo matemático, precisa também, desenvolver-se enquanto pessoa humana.

A escola busca um processo educativo pautado em um trabalho voltado para a formação de cidadãos críticos, mais justos e solidários, como já foi citado anteriormente, mas no quesito entendimento do homem enquanto ser social, não se faz nenhuma referência a isso no PPP, como também a relação entre o homem e o meio no qual ele vive, a partir de tais pressupostos, ou seja, o documento não cita pontos importantes para a formação do sujeito enquanto ser social e pessoa humana.

Faltou também referência a formação do homem do ponto de vista histórica, da cultura, da função social da escola e do papel que o sujeito possui na sociedade, com o intuito de formar o homem imerso na diversidade cultural existente dentro e fora da escola, para que o mesmo se reconheça, assumindo suas raízes culturais, sem negá-las frente a outras culturas e compreendendo que a mesma é tão importante como qualquer outra.

No seu marco referencial está contido que a escola desenvolve um trabalho coletivo para buscar alcançar os seus objetivos que são: formar cidadãos autônomos e críticos para o exercício da cidadania ativa de forma inclusiva e com qualidade social, como também ter uma perspectiva de oferecer um ensino voltado para as diversidades culturais, respeitando as

etnias, gêneros, crenças a fim de atender as necessidades educacionais de cada um e tendo o comprometimento de igualdade de oportunidade e condições para todos os alunos, para que com isso não ocorra a evasão escolar.

Ao analisar a metodologia do referido documento, não foi encontrado nenhuma metodologia direcionada ao trabalho com a diversidade cultural, apenas direcionada ao aprendizado dos alunos em relação a leitura, escrita e conhecimento de cálculo matemático, pois considera essencial para o dia a dia dos alunos.

Mas nota-se que a escola procura priorizar sempre a presença dos pais dos alunos na mesma, pois acredita-se que a parceria escola-família muito tem a contribuir para o desenvolvimento dos alunos e que isso é essencial para a construção do caráter dos mesmos, enquanto sujeitos e cidadãos.

Não foi encontrado no referido documento, nenhuma informação direcionada como a comunidade ver a escola e tão pouco, como entendem por instituição, enquanto função social, mas a mesma tem como objetivo geral promover um trabalho didático pedagógico que proporcione ao educando o desenvolvimento das competências e habilidades de comunicação para o exercício crítico da cidadania, fundamentado nos princípios de solidariedade, respeito às diferenças e ao meio ambiente. Já, os objetivos específicos segundo Projeto Político Pedagógico (2013, p. 09) são:

Proporcionar atividades que estimulem a participação, o diálogo e a integração entre pais e os profissionais em educação; Elaborar e desenvolver projetos que proporcionem ao educando condições para o desenvolvimento de suas capacidades intelectual, físico/motor e social; Realizar ações que incentivem o estudante a criar e intensificar o hábito da leitura, da escrita e o seu raciocínio lógico matemático reconhecendo-os como ponto fundamental no seu processo de formação; Implantar fichas de acompanhamento individual para os estudantes com problemas comportamentais e de aprendizagens; Realizar encontros bimestrais com os pais dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagens; fazer com que a escola se torne aberta as diferenças com a implementação dos estudos sobre as culturas étnicos raciais e indígenas; Realizar um diagnóstico no início do período letivo a fim de detectar as dificuldades de aprendizagem e programar o acompanhamento e outro no início do segundo semestre para análise dos avanços obtidos; Diminuir o índice de evasão ora existente no nosso estabelecimento de ensino; Estimular a participação, o diálogo e a interação entre escola-família; Realizar planejamento com todos os profissionais em educação que contribuam para a melhoria das práticas educativas no processo de ensino e aprendizagem.

As suas metas são: Diminuir o índice de evasão escolar de 12% para 9%; Intensificar atividades específicas de leitura e escrita durante todo período letivo na busca de minimizar o

alto índice de alunos que não dominam os conhecimentos básicos de leitura e escrita; Promover reuniões e palestras bimestralmente para uma maior participação dos pais na vida escolar de seus filhos, fazendo com que os mesmos tornem-se parceiros e colaboradores no desenvolvimento intelectual e pessoal dos educandos; Oferecer estudo sobre avaliação para os professores do Fundamental II com o intuito de diminuir o índice de reprovação.

As escolas pesquisadas enfrentam problemas de gestão, pois as mesmas tem dificuldades em fazer uma ligação entre o planejamento e a prática dentro da instituição, em virtude de que existe equívocos com relação ao PPP das mesmas, principalmente uma confusão com relação as metas, pois estas não são tópicos de PPP, mas sim de plano de ação da escola e pelo fato de as metas do referido documento estarem no negativo e qualquer fonte relacionado a gestão, menciona que não pode existir metas deste tipo, com isso acaba-se interferido na pluralidade cultural da escola.

A escola no seu Projeto Político Pedagógico esboça o processo didático pedagógico e a gestão democrática visando a interação do trabalho no desenvolvimento do ambiente escolar, para mobilizar os sujeitos que compõem a escola, como também, a comunidade adjacente para desconstrução/construção dos fazeres educativos, construindo assim um novo conhecimento para que auxilie os alunos no entendimento e interpretação das mudanças que estão ocorrendo no mundo contemporâneo.

A escola pretende formar sujeitos para a cidadania, a autonomia e a liberdade, para transformar a realidade em que vivem, de maneira positiva, mas não traz nenhuma discussão sobre o que ela entende por Ensino Fundamental relacionado aos valores norteados pela diversidade cultural, fala que trabalhar, mas não tem um direcionamento preciso sobre o assunto e como mostrou-se antes, a mesma busca ir além dos seus muros para fazer parcerias necessárias para a compreensão da realidade e construir o diálogo dos saberes científicos, com os saberes produzidos pelo cotidiano, assim produzindo o conhecimento pautado na realidade social.

Nos conteúdos curriculares de 2º ao 9º ano, faz referência a diversidade cultural, o primeiro foi no português, mas sendo tratado como folclorização, pois estes conteúdos estão sendo trabalho em relação as datas cívicas ou folclore, na educação física está proposto o trabalho com a pluralidade, para desenvolver a interação com as pessoas nos grupos sociais aos quais pertencem e para se reconhecerem nos mesmos, mas será que isto realmente acontece?, O que me faz duvidar é o fato de educação física em algumas escolas, são apenas os alunos irem até o ginásio para brincarem. Não estou aqui querendo rotular a escola pesquisa, apenas levantando suposições.

Na disciplina de História foi encontrado uma relação direta com a diversidade cultural, pois os conteúdos da disciplina estão relacionados com a temática, mas ainda encontra-se de forma folclorizada, relacionado as datas cívicas da história, como também, é trabalhado a dimensão cultural, nas diferentes fases da formação humana, em diferentes períodos históricos e culturais, reconhecendo e valorizando a identidade da história e da cultura dos afro brasileiros, garantindo e reconhecendo a igualdade das raízes africanas da nação brasileira.

No ensino religioso, a escola procura respeitar as diferentes religiões dos alunos, procurando compreender as mesmas de forma generalizada, a origem, a cultura e doutrina das mesmas, sem fazer nenhum pré julgamento ou impor nenhuma religião aos alunos.

A escola enfrenta vários desafios e problemas, pois a clientela que frequenta instituição, pertence à classe carente, exigindo assim dos professores um trabalho de qualidade pautado na elevação da autoestima, valorizando e ampliando os conhecimentos nas diferentes áreas do currículo, como também, a evasão escolar, assim fazendo a escola repensar a sua prática, para atender as reais necessidades dos alunos, já que a maioria chega à escola sem visão de futuro. E a partir daí, gera-se a evasão escolar, o aumento da violência na escola, entre outros problemas, se isto não for resolvido.

Outro problema é o fato da família, não acompanhar a vida escolar dos seus filhos, no aspecto pedagógico, isto foi verificado em uma conversa com a gestora e no PPP da escola, pois no documento existem vários pontos que focam este trabalho, verificou-se também, que os procedimentos metodológicos não estão despertando nos alunos a participação efetiva nas atividades escolares. Os desafios são muitos, principalmente na leitura, escrita e raciocínio lógico matemático, considerando que estamos vivendo em um mundo competitivo e que cada vez mais se exige esses conhecimentos necessários para uma sociedade em mudança.

Analisando tudo o que foi visto nos PPPs das escolas, pode-se perceber que elas, ainda precisam fazer mudanças nos seus documentos para estar de acordo com as Leis citadas nos capítulos anteriores e principalmente, para trabalhar a diversidade cultural em suas salas de aulas com seus alunos.

O ideal é que as escolas trabalhem com atividades práticas como visitas a quilombos, a ranchos dos ciganos, a tribos indígenas (se possível), para que conheçam a realidade de cada cultura e para tentar diminuir o preconceito em certa medida, pois na maioria das vezes, esses preconceitos acontecem, pelo não conhecimento dessas culturas. Deve ainda, realizar pesquisas sobre as várias culturas existentes no Brasil e no mundo, oficinas com confecções de objetos e danças das culturas pesquisadas, entre outras.

As duas escolas que foram feitas a pesquisa não trabalham com experiências exitosas no aspecto pedagógico, pois experiências exitosas é “(...) toda ação pedagógica que gere ou não algum resultado imediato na compreensão e no desenvolvimento de habilidades pertinentes ao objeto da ação” (Felipe, 2014), como também, não se sabe da existência de nenhuma escola na região, que faça este tipo de trabalho.

Diante de tudo o que foi pesquisado e coletado, pode-se perceber que os professores estão trabalhando com a diversidade cultural em sala de aula, mas esse trabalho ainda é insuficiente, principalmente por que não é algo que acontece todos os dias, acontece apenas quando é necessário, segundo algumas professoras citaram nas suas entrevistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como questão de pesquisa investigar como os professores estão trabalhando com a diversidade cultural existente em sala de aula, buscando verificar de fato, como estes trabalham em relação a essa temática e se os mesmos têm conhecimento sobre a importância do tema, e quais são as metodologias aplicadas para desenvolver este trabalho, como também saber qual a visão da escola sobre o assunto e se a mesma está dando a devida importância ao tema. O ponto de partida desta pesquisa foi o objetivo geral que foi é analisar como os professores estão trabalhando a diversidade cultural nas escolas públicas.

Ao buscar responder a questão de pesquisa, pode-se verificar que de fato alguns professores estão trabalhando com a diversidade cultural em sala de aula, mas ainda é um trabalho insuficiente, não é algo consistente e que acontece todos os dias, muitos citaram durante a entrevista que têm dificuldades e enfrentam desafios para trabalhar o tema e que trabalham de acordo com as situações que ocorrem em sala de aula, falam também que a escola não tem materiais suficiente para realizar o trabalho e quando este é executado, é apenas em datas comemorativas. Mesmo nos PPP das escolas pesquisadas, pode-se perceber que a diversidade cultural não está sendo tratada com a devida importância, quando está é o lugar onde se concentra uma grande quantidade de diversidade cultural, mas infelizmente também é o lugar onde ainda acontece muito preconceito e discriminação.

A pesquisa confirmou que realmente os professores trabalham com a diversidade cultural em sala de aula e que eles tem o interesse de desenvolver a temática tanto em sala de aula como na escola no geral, inclusive uma delas citou durante a sua entrevista que procurar informações sobre as leis relacionadas a diversidade cultural, pois considera importante este conhecimento pelo fato de trabalhar com a educação, como também, no decorrer da entrevista percebeu-se que as professoras trocam experiências e conhecimentos durante os planejamentos, mas o problema maior é o fato de o município não ter formação inicial e continuada para o trabalho com inclusão da diversidade cultural nas escolas.

Ao longo deste estudo pode-se verificar que realmente as professoras procuram desenvolver um trabalho relacionado a este tema, mesmo enfrentando dificuldades e desafios, pois não é algo fácil de se lidar, em virtude de as mesmas não terem uma formação específica na área, mas algumas não desistem e vão à procura de informação sobre o assunto.

Tanto o objetivo geral, como os específicos foram alcançados na pesquisa e este último está ligado diretamente com os três capítulos deste estudo monográfico, como também, a metodologia aplicada durante a pesquisa é do tipo descritiva que permite fazer uma análise

dos problemas em vários aspectos e de caráter qualitativa onde todos os fatos são considerados e são coletados através de várias técnicas. A partir de então, esta metodologia foi suficiente para alcançar os objetivos almejados pela pesquisadora e a bibliografia correspondeu às expectativas, pois a mesma conseguiu responder a questão de pesquisa o que foi essencial para fundamentar as análises das entrevistadas e dos Projeto Político Pedagógico das escolas participantes da pesquisa.

Percebemos com essa pesquisa a importância trabalhar a diversidade cultural em sala de aula, ultrapassando o daltonismo cultural dos professores, ou seja, fazer com os mesmos enxerguem não apenas uma única cultural elegendo-a como superior as demais, e sim que vejam a existência da diversidade de culturas que está na sala de aula, no pátio e por todas as partes da escola, como também fora dela.

Portanto, fica evidente que o não trabalho com a diversidade cultural na escola e principalmente dentro da sala de aula, pode acarretar muitos problemas, como evasão escolar, baixa estima dos alunos, não desenvolvimento de suas potencialidades, frustração, desequilíbrio emocional, falta de uma identidade própria, que esteja de acordo com a sua cultura e com o grupo cultural a qual pertencem, entre outros. Além de continuar sendo propagado uma única cultura dentro da escola e na sociedade, esquecendo que existe várias culturas e que elas estão por todas as partes e em todos os lugares, independentes de está sendo aceita ou não. A escola, então, continua a reforçar preconceitos existentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BELEI, Renata Aparecida. et al. **O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa.** Cadernos de Educação/ FaE/ PPGE/UFPel/ Pelotas [30]: 187 – 199, janeiro/junho 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1770/1645>>. Acesso em 02/03/2014.
- BENTO, Maria Aparecida S. **Cidadania em Preto e Branco.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais.** Ministério da Educação, 2004.
- BRASIL, Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais Apresentação dos temas transversais e ética.** MEC/SEF, 1997.
- _____. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.** MEC/SEF, 1997.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem fronteiras,** v.11, n.2, 2011. Disponível em:<www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>. Acessado em: 10 de Junho de 2013.
- CAVALCANTE, Tatiana Maria Náufel. **Cidadania e Acesso à Justiça.** Disponível em: www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/.../32195-38277-1-PB.pdf>. Acesso em 24/ 06/ 2014.
- FELIPE. **Reflexões.** Trabalhos Feitos: inspirando melhores notas, 2014. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Trabalho/53912915.html>>. Acesso em: 02/07/2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 1987.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo.** Brasília: Ministério da Educação, secretária de Educação Básica, 2008.
- KAERCHER, G. E. P. S. **Pedagogias da racialização ou dos modos como se aprende a a 'ter' raça e/ou cor.** In: Maria Isabel Edelweiss Bujes; Iara Tatiana Bonin. (Org.). Pedagogias sem fronteiras. 1 ed. Canoas (RS), 2010, v., p. 85-91.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LOPES, José de Sousa Miguel. **O ocidente poderá ouvir a voz que da África?.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira. **A identidade negra e o currículo escolar: um estudo comparativo entre uma escola de periferia e uma escola de remanescentes de quilombos.** GT: Afro-brasileiros e Educação/ n. 21. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT21-2053--Int.pdf>. Acessado em: 17 de julho de 2013.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, secretária de Educação Básica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário de Relações Étnico-Raciais e Educação – PENESB-RJ, 5 nov. 2003. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>>. Acessado em: 12 dez. 2013.

OLIVEIRA, Eliana de. **Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate**. Revista espaço acadêmico. Ano I - nº 07, 2001. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm>. Acesso em: 26 de Junho de 2013.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2008.

PARAIBA, Secretária de Estado da Educação e Cultura. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental**. João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

PARAISO, Marlucy Alves. **Problematizando e Questionando a Identidade e a Diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/45>. Acessado em: 03/08/2013.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PINSKY, Jaime. **Cidadania e Educação**. 10ª ed. – Contexto: São Paulo, 2011.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. Coleção primeiros passos. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SILVA, Jackson Ronie Sá. ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: Pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I. ISSN: 2175-3423 - Julho de 2009. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf>. Acessado em 01/03/2014.

SILVA, Tadeu Tomaz (organizador). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SILVA, Vital Bezerra. Uma brasilidade recém-começada: “O povo brasileiro” de “Darcy Ribeiro”. **Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 13, pp. 140 – 147, Set. 2013. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Acesso em 22/04/2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Orientações para (Re) Elaboração do Projeto Político Pedagógico das Escolas Municipais**. [Mimeo]. Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica.

APÊNDICES



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CAMPUS CAJAZEIRAS
GRADUANDA EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
ORIENTADOR: WIAMA DE JESUS FREITAS LOPES
ORIENTANDA: ELZA MARIA GONÇALVES BRAGA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados Professores e Professoras;

Estou realizando a pesquisa de campo do trabalho monográfico intitulado “Prática Docente e Diversidade Cultural nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Escolas Públicas” na Cidade de Cajazeiras/PB. O objetivo desta produção é levantar como as escolas estão trabalhando a diversidade cultural com seus alunos no ambiente escolar para saber como a escola está trabalhando ou não o preconceito e a discriminação com seus alunos em sala de aula. Deste modo, solicito a sua colaboração na pesquisa concedendo-me a permissão de poder entrevistá-lo na pesquisa acima mencionada com a autorização de gravar e utilizar trechos de suas falas relativas às respostas às questões do formulário de entrevistas em anexo. Esta pesquisa não lhe trará custos ou riscos e todas as informações serão mantidas no mais absoluto sigilo, quanto ao anonimato e confidencialidade de seus participantes/respondentes. Outrossim, informo que antes de finalizada a entrevista você pode se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar. Assim como, o entrevistado, escolherá um pseudônimo para ser resguardado em suas informações prestadas/vinculadas no texto da monografia. Concomitantemente, informo que uma vez prestada à colaboração na participação a esta entrevista, suas considerações serão tratadas de modo autêntico em relação a seus esclarecimentos na produção da monografia acima mencionada.

Desde já conto com a sua colaboração e agradeço a sua atenção e disponibilidade.

Cajazeiras/PB, _____ de _____ de 2014.

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura do Entrevistado (a) _____

Fone do Entrevistado (a): (83) _____

E-mail (caso haja): _____



Universidade Federal
de Campina Grande



Roteiro de Entrevista Com os Professores

Entrevista a ser realizada com os educadores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Dados de identificação:

Nome:

Idade:

Formação básica:

Graduação: () Sim () Não - Qual:

Especialização: () Sim () Não - Qual: _____

Stricto Sensu: () Sim () Não - Qual/Em
que: _____

Tempo de atuação no magistério: _____

Tempo de atuação como docente na escola: _____

2 Questões:

2.1 Na sua opinião qual a importância de se trabalhar com a temática de diversidade cultural em sala de aula do ensino fundamental?

2.2 Têm sido desenvolvida esta temática na escola em que você trabalha? De que modo? (e em sua sala, como tem sido esse desafio?)

2.3 O trabalho com a diversidade está incluindo no currículo e nas formações continuadas da escola? De que modo?

2.4 Vocês têm conhecimento sobre as leis 10.639/2003 e 11.645/2008? De que modo lhes tem tido chegado essas informações em relação a estas leis?

2.5 Quando você passou a ter conhecer essas leis? E o que delas têm fluído em sua ação pedagógica? Como?

2.6 Quais as práticas mais recorrentes de conflitos que decorrem de questões oriundas de preconceitos e discriminação? Em que situações mais convencionalmente são manifestados?

2.7 Na sua opinião, de que forma os professores desta escola estão conscientizando os alunos para respeitar a diversidade cultural? Quais os desafios para se trabalhar com essa temática nessa escola em específico?

2.8 A sua escola já fez algum projeto sobre esse tema? Quando? Por quanto tempo? Como você avalia a implementação deste projeto?

2.9 Vocês já participaram de algum tipo de formação continuada de curto ou médio prazo sobre essa temática? Quais os resultados que você podem elencar destas experiências de formação?

2.10 Vocês gostam de trabalhar com o tema diversidade cultural? Por quê?

2.11 Quais os principais desafios que você pode elencar para trabalharmos à contento as questões vinculadas à diversidade cultural na escola pública?